

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

HINGRID DE OLIVEIRA IZA DOS SANTOS

**O PAI NA PSICANÁLISE DE D.W. WINNICOTT**

Volta Redonda  
2018

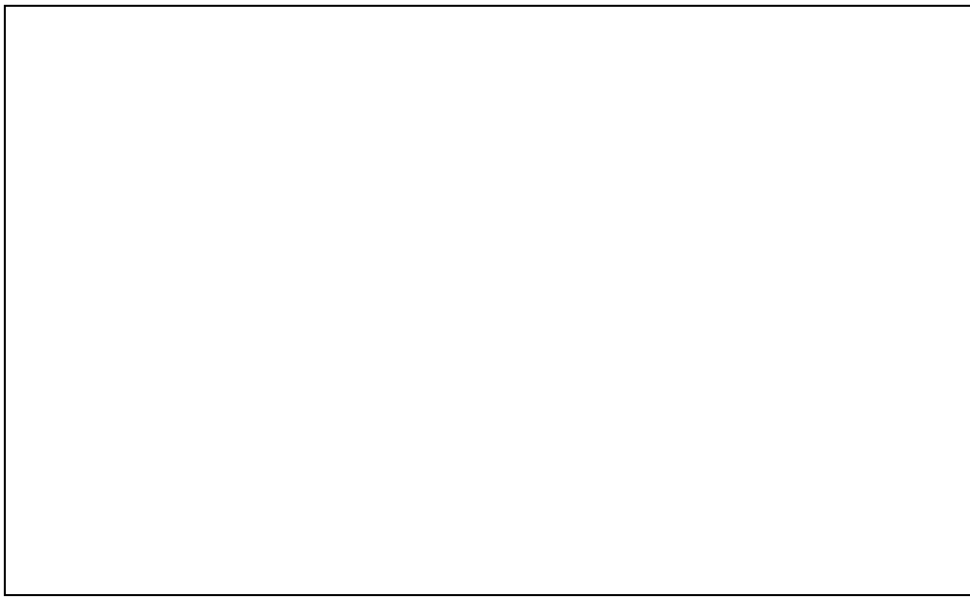
HINGRID DE OLIVEIRA IZA DOS SANTOS

**O PAI NA PSICANÁLISE DE D.W. WINNICOTT**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharel em  
Psicologia, como requisito parcial para  
conclusão do curso.

Orientador:  
Prof. Dr. Antônio Augusto Pinto Júnior.

Volta Redonda  
2018



HINGRID DE OLIVEIRA IZA DOS SANTOS

**O PAI NA PSICANÁLISE DE D.W. WINNICOTT**

Trabalho de conclusão de curso  
apresentado ao curso de Bacharel em  
Psicologia, como requisito parcial para  
conclusão do curso.

Aprovada de de 2018.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Antônio Augusto Pinto Júnior (Orientador) - UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Cláudia Henschel de Lima- UFF

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Priscila Pires Alves - UFF

Volta Redonda  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, por todo apoio, incentivo e amor que sempre me dedicaram. Sem a base que me proporcionaram, jamais poderia estar aqui.

Ao meu querido professor Dr. Antônio Augusto Pinto Júnior, por toda dedicação e apoio na orientação deste trabalho, e na minha formação acadêmica. Agradeço a confiança e a presença constante neste percurso.

À professora Dr.<sup>a</sup> Cláudia Henschel de Lima, pela orientação no período de estágio, cujas vivências serviram de motivação para produção deste trabalho.

Às minhas amigas e companheiras de graduação Tânia Azaro, Daise Medeiros, Talita Plentz, Amanda Pina, Danielle Alonso, Ana Maria Nardy e Luana Mesquita, pelas conversas, risos e cumplicidade, que certamente tornaram mais leve essa jornada.

Por fim, a todos os professores que compõem o curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense de Volta Redonda por todo comprometimento e dedicação.

## RESUMO

O estudo tem como objetivo discutir os aspectos relacionados ao pai e a função paterna na abordagem da psicanálise de Donald W. Winnicott (1896-1971), estabelecendo uma análise comparativa entre a psicanálise tradicional, representada por Freud e Lacan. Como método, foi utilizada uma pesquisa bibliográfica dos textos clássicos dos referidos psicanalistas e outros de autores contemporâneos que contribuem para o esclarecimento das questões centrais desse trabalho. Como resultados, verificou-se que, apesar das diferenças importantes entre os três autores da Psicanálise, foram encontradas semelhanças e analogias que os aproximam, sinalizando canais de interlocução sobre o lugar do pai no processo de constituição do sujeito. Da mesma forma, foi possível constatar que Winnicott concebe a figura e a função paterna a partir de inúmeras funções consideradas vitais para o processo de desenvolvimento e de integração da criança, que vão muito além da interdição do desejo incestuoso na fase do Complexo de Édipo.

**Palavras-chave:** Psicanálise, Função Paterna, Complexo de Édipo, Winnicott.

## ABSTRACT

The study aims to discuss the aspects related to father and parental function in the approach to psychoanalysis of Donald W. Winnicott (1896-1971), establishing a comparative analysis between traditional psychoanalysis, represented by Freud and Lacan. As a method, a bibliographical research was used of the classic texts of the mentioned psychoanalysts and others of contemporary authors that contribute to the clarification of the central questions of this work. As results, it was verified that, despite the important differences between the three authors of Psychoanalysis, similarities and analogies were found that approach them, signaling channels of interlocution on the place of the father in the process of constitution of the subject. In the same way, it was possible to verify that Winnicott conceives the figure and the paternal function from innumerable functions considered vital for the process of development and integration of the child, which go far beyond the interdiction of the incestuous desire in the phase of the Oedipus Complex.

**Keywords:** Psychoanalysis, Paternal Function, Oedipus Complex, Winnicott.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
2.	<b>O PAI NA PSICANÁLISE TRADICIONAL</b> .....	10
2.1.	BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR E ASPECTOS GERAIS DA TEORIA .....	10
2.1.1.	O PAI NO COMPLEXO DE ÉDIPO .....	13
2.1.2.	O PAI EM TOTEM E TABU .....	16
2.1.3.	O PAI EM MOISÉS E A RELIGIÃO MONOTEÍSTA .....	18
2.2.	J. LACAN .....	22
2.2.1.	O ESTÁDIO DO ESPELHO.....	23
2.2.2.	A METÁFORA PATERNA .....	25
2.2.3.	OS TRÊS TEMPOS DO ÉDIPO .....	27
3.	<b>TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE D. W. WINNICOTT</b> .....	30
3.1.	BREVE BIOGRAFIA DO AUTOR E ASPECTOS GERAIS DA TEORIA .....	30
3.2.	FASE DA DEPENDÊNCIA ABSOLUTA .....	32
3.3.	FASE DA DEPENDÊNCIA RELATIVA .....	38
3.4.	RUMO A INDEPENDÊNCIA .....	42
4.	<b>O PAI NA PSICANÁLISE DE D.W. WINNICOTT</b> .....	45
4.1.	O PAI NO ESTÁGIO DE DEPENDÊNCIA ABSOLUTA .....	47
4.2.	O PAI NO ESTÁGIO DE DEPENDÊNCIA RELATIVA .....	49
4.3.	O PAI NO ESTÁGIO DE CONCERN .....	54
4.4.	O PAI NO COMPLEXO DE ÉDIPO.....	58
5.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	64
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67



## 1. INTRODUÇÃO

O lugar do pai é um problema teórico fundamental na esfera psicanalítica que apresenta várias implicações para as questões referentes ao processo de desenvolvimento emocional do sujeito. Certamente, a metapsicologia proposta por Freud atravessa as áreas da clínica, da psicopatologia, da cultura e da religião, o que torna a investigação sobre o tema extremamente importante.

Assim, a motivação para a escolha do referido tema, para além do aspecto teórico que ele envolve, advém da minha experiência de estágio no Serviço de Psicologia Aplicada, momento em que pude observar os desdobramentos desta temática dentro do setting terapêutico por meio das questões trazidas pelos pacientes relativas à função do pai. Deste modo, o presente trabalho tem por finalidade apresentar as contribuições teóricas de Winnicott na compreensão da função paterna, e as convergências e divergências entre o autor e os teóricos Freud e Lacan.

No que se refere à produção teórica winnicottiana, é notável a ênfase dada pelo autor à influência do ambiente dentro do processo de maturação e de integração do Eu, que conseqüentemente o fez se dedicar mais intensamente à díade mãe-bebê, uma vez que a mãe num primeiro momento se configura como o ambiente da criança. Assim, a valorização que o autor atribui às fases pré-edípicas acabam por descentralizar o complexo de Édipo dentro do processo de desenvolvimento e formação do indivíduo, o que vem a gerar diversas interpretações, inclusive as que atribuem a sua obra uma suposta indiferença em relação à figura paterna. Tal posicionamento pode ser constatado no trecho a seguir:

Em sua obra teórica, como veremos, ele abandonaria a figura do pai e a substituiria por uma fascinação pela criança e suas mães. Não é o pai que interessa a Winnicott como figura de interposição entre a mãe e a criança no intuito de separá-las, mas sim um espaço transicional do qual o pai simplesmente não faz parte e que inicialmente tanto une quanto separa o bebê de sua mãe. (Phillips, 2007, p. 54).

Entretanto, a partir de uma leitura mais cautelosa de sua obra é possível observar que o autor abordou consideravelmente a função paterna e a triangulação edípica. Diante destas considerações fica evidente a importância da melhor

compreensão e aprofundamento do tema função paterna em Winnicott, preenchendo uma lacuna existente nos estudos sobre a obra do autor. Assim, através do estudo aprofundado das contribuições winnicottianas sobre o lugar e função do pai no desenvolvimento emocional, este trabalho objetiva evidenciar estes elementos para que possam funcionar como auxiliares na clínica psicanalítica.

Desta maneira, a fim de discutir essas diversas questões que envolvem o objeto de estudo do trabalho, o mesmo se desdobra em cinco capítulos. No capítulo dois será apresentada a perspectiva da psicanálise tradicional sobre a função paterna, trazendo os autores Freud e Lacan para a reflexão. Já no capítulo terceiro é discutida a Teoria de Desenvolvimento Emocional de Winnicott. Em seguida no quarto capítulo será abordado o lugar do pai na obra do psicanalista inglês, a partir da apresentação dos diversos papéis e funções que o pai desempenha ao longo do desenvolvimento emocional da criança. Por fim, no último capítulo são apresentadas as considerações finais.

## 2. O PAI NA PSICANÁLISE TRADICIONAL

### 2.1. Breve biografia do autor e aspectos gerais da teoria

Freud, ao longo de sua trajetória de elaboração do método psicanalítico sempre teve o pai como uma de suas questões centrais. De acordo com Léon (2013, p. 17), as primeiras alusões de Freud ao lugar do pai na constituição psíquica estão presentes nas investigações psicopatológicas que compõem sua teoria da sedução, que postulam a etiologia da psicose a partir da ação efetiva de memórias de cenas reais de sedução. Vale à pena contextualizar esse apontamento citando em primeiro lugar os estudos sobre a histeria (Breuer & Freud, 1893-1895). Sobre a questão dos mecanismos psíquicos envolvidos nos fenômenos histéricos e sua relação com a psicoterapia da histeria, Breuer e Freud assumiram a sexualidade como eixo central na patogênese da histeria que tem sua origem em traumas e defesas psíquicas.

Freud neste momento tem como centro de sua teoria a psicose e o fator traumático, pontuando a influência da sedução de um adulto sobre o menino ou a menina. Aqui a teoria da sedução surge a partir do modo recorrente com que suas pacientes histéricas relatavam cenas de sedução que ocasionaram um trauma sexual infantil, infringido por adultos, tendo com grande frequência a figura do pai como agente sedutor. Assim, as primeiras referências de Freud ao lugar do pai, não continham nelas a ideia de complexo paterno, e sim de um pai como figura real, externa e material, colocando-o como um dos potenciais agentes de sedução traumática, ideia que vigorou até o desenvolvimento da escrita de *Novos pontos na neurose de defesa* (Freud, 1896).

Durante este período inicial de desenvolvimento de sua metapsicologia, Freud tem nas correspondências enviadas ao amigo Wilhelm Fliess uma forma de produzir reflexões sobre suas hipóteses psicopatológicas e conseqüentemente perfilar suas concepções sobre a figura paterna, dentre as quais está sua hipótese de teoria da sedução, conforme trecho da carta 52 enviada a Fliess:

[...] Cada vez mais me parece que o ponto essencial da histeria é que ela resulta de perversão por parte do sedutor, e mais me parece que a hereditariedade é a sedução pelo pai. Assim, surge uma alternância entre as gerações:

1ª geração: Perversão.

2ª geração: Histeria e conseqüente esterilidade. Por vezes, há uma metamorfose dentro de um mesmo indivíduo: pervertido durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, histeria não é sexualidade repudiada, mas, antes, perversão repudiada (Freud, 1896, p.286-287).

Porém, mais adiante o autor faz novas considerações a respeito da figura paterna. Na carta 69 enviada a Fliess, Freud desabafa sobre os relatos de suas pacientes histéricas a respeito da figura do pai. Neste mesmo documento, Freud deixa explícita sua interrogação sobre a veracidade de tais relatos:

(...) Depois, veio à surpresa diante do fato de que, em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, [1] tinha de ser apontado como pervertido - a constatação da inesperada frequência da histeria, na qual o mesmo fator determinante é invariavelmente estabelecido, embora afinal, uma dimensão tão difundida da perversão em relação às crianças não seja muito provável. (...) Depois, em terceiro lugar, a descoberta comprovada de que, no inconsciente, não há indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto (Freud, 1897, p.309).

A partir destas considerações, Freud passa a considerar a frequência tão alta de atos de perversão da figura paterna relatados por suas pacientes histéricas como improvável de ter ocorrido de maneira factual, e entende que os relatos sobre tais cenas de sedução envolvendo a figura do pai advinham de projeções inconscientes, ou fantasias sobre o que inconscientemente desejavam.

É inegável que em um primeiro momento a hipótese de um evento traumático como ponto de origem das neuroses lhe surgiu como sustentáculo à sua teoria que teria como fundamentos o trauma e o recalque, diante dos quais a Psicanálise tinha como principal objetivo revelar as lembranças esquecidas. Contudo, a partir dos questionamentos sobre tais relatos, Freud conclui que não há signo de realidade no inconsciente, não há diferença entre um fato e uma ficção investida de afeto e, assim, os relatos que a princípio foram tidos por ele como verdades, seriam tão somente frutos de uma realidade psíquica resultante de um desejo inconsciente (Strauch, 2013).

Esta realidade psíquica se origina de um mecanismo complexo formado a partir de um processo de estratificação dos traços mnêmicos, que ficam sujeitos à resignificação ao longo do tempo, de acordo com as circunstâncias que se apresentam. Isso fica evidente no seguinte trecho da carta 52 que Freud envia a Fliess:

(...) Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias - a uma retranscrição. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações. (Freud, 1896/1996, p.317)

A partir do entendimento deste mecanismo complexo, o psiquismo passou a ter valor enquanto realidade interna, centrando a teoria freudiana não mais na ideia de fato e historicidade dos relatos obtidos na clínica. Assim, Freud abandona sua tese inicial de sedução paterna, elaborada a partir da hipótese de um trauma real, para entender o fenômeno das fantasias histéricas a partir de um desejo infantil inconsciente, chegando à sexualidade infantil, e conseqüentemente à função estruturante do que chamou de Complexo de Édipo, a partir da analogia que o autor faz com o mito de Édipo Rei.

Com estes desenvolvimentos precedentes, a discussão sobre esse tema é aprofundada no texto "A interpretação dos sonhos" (Freud, 1899 [1900]) em que Freud retorna ao Complexo de Édipo e afirma que os sonhos de morte das pessoas queridas (especialmente os pais) respondem a um contexto edípico. Mas, ao considerar toda obra freudiana pode-se verificar que a temática da função paterna fica ainda mais evidente em suas elaborações sobre O Complexo de Édipo, Totem e tabu, e Moisés e a Religião Monoteísta, escrito no final de sua vida. Esses podem ser considerados os três grandes marcos da função paterna em Freud, circunscrevendo um pai para além do aspecto biológico, mas como uma das instâncias fundantes do funcionamento psíquico. A seguir, serão apresentadas as considerações sobre o pai nesses três momentos da obra Freudiana.

### 2.1.1. O Pai no “Complexo de Édipo”

É importante apontar que na obra de Freud se destaca que a sexualidade infantil é, sobretudo, fruto da produção imaginativa proveniente do processo civilizatório, sendo tal ideia sustentada principalmente na mitologia (Strauch, 2013). Nessa perspectiva, Freud se utiliza de vários mitos em suas formulações, dentre eles, o Édipo Rei. De acordo com Marcos (2010, p. 447): “através do Édipo, o campo da Psicanálise modifica-se, o mito surge no lugar do trauma, a ficção no lugar do acontecimento, a verdade no lugar da certeza, o pai morto no lugar do pai perverso”.

Deste modo, a tragédia de Sófocles serve como recurso a Freud para exemplificar a forma como a criança constrói o romance familiar utilizado na busca de sua própria origem, referindo-se à participação dela na relação triangular com os pais. É importante ressaltar que tal conceito não se apresenta em uma organização sistemática na obra do autor, pois foi sendo elaborado ao longo do processo de produção da teoria psicanalítica, estando presente em praticamente todas as obras freudianas (Souza, 2006, p.137).

Em uma breve exposição da respectiva tragédia grega, Laio, rei de Tebas, é vítima de uma maldição lançada pelo Rei Pélope, em virtude do mal de que havia causado a Crisipo, único filho de Pélope, que após ter sido sequestrado e seduzido por Laio acabou se matando. De acordo com a maldição, Laio se viesse a ter um filho, este o mataria e iria desposar a própria mãe. Mais adiante, Laio se casa com Jocasta e tenta a todo custo evitar que ela engravide, e decide, então, ir ter com um oráculo a fim de consultar a própria sorte, mas eis que é confirmado seu terrível fim, a maldição iria se concretizar. Jocasta, após algumas tentativas consegue engravidar e, mesmo contra vontade do marido, dá à luz a Édipo. Logo após o nascimento, Laio amarra a criança e a fere nos pés, deixando-a a própria sorte para quiçá ser devorada por um animal.

Mas, o que Laio não poderia imaginar é que um pastor que passava por ali encontraria Édipo e o levaria para Corinto onde seria então adotado pelo casal real, Pólibo e Mérope. Os anos passam, e o jovem Édipo consulta o oráculo de Delfos para saber de seu destino, mas algo terrível acontece, o jovem acaba por descobrir que estava envolto em uma maldição, na qual seria responsável pela morte de seu próprio pai e se desposaria a própria mãe. Assustado com tal predição, ele deixa

Corinto, afastando-se de seus pais adotivos, os quais acreditava serem seus pais biológicos, e vai em direção a Tebas.

No meio de seu percurso para Tebas Édipo enfim se depara com Laio em meio a um cortejo que lhe dificultava a passagem. A fim de se defender Édipo acaba reagindo e inicia uma luta com Rei de Tebas até matá-lo. Sem saber que havia matado o próprio pai, segue sua viagem para Tebas onde é exaltado como o novo Rei e acaba por desposar Jocasta. Algum tempo depois uma grande peste abate a cidade, o que faz com que Édipo consulte o oráculo novamente, mas este não o responde objetivamente, dizendo somente que a peste não teria fim enquanto o assassino de Laio não fosse castigado. Após muito investigar, Édipo descobre que havia cumprido a maldição, que Laio, a quem havia matado, seria seu verdadeiro pai e Jocasta sua mãe. Assim, a verdade foi esclarecida, e por não suportar tal revelação cegou-se, ao passo que Jocasta se enforcou.

Pode-se observar o quão relevante foi à associação feita por Freud em relação a história de Édipo e o saber psicanalítico, associação esta que pode ser remontada a partir de sua própria autoanálise, cujas ponderações são reveladas a Fliess na carta 71 enviada em outubro de 1897, na qual ele estabelece, a partir de seu próprio exemplo, a importância dessa lenda grega para a compreensão do psiquismo humano.

(...) Ser completamente honesto consigo mesmo é uma boa norma. Um único pensamento de valor genérico revelou-se a mim. Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância, mesmo que não tão precoce como nas crianças que se tornaram histéricas. (...) Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual. (Freud, 1896/1996,p.316)

Mais adiante, Freud toca na questão do complexo Édipo feminino, na obra “A Interpretação dos Sonhos”. O autor associa o desejo da menina de ocupar o lugar da mãe e desposar o pai, a uma situação que não exclui de modo algum o terno amor da menina para com a mãe. O mesmo no caso da criança do sexo masculino: o desejo do pai morrer é correlato ao desejo de preservar um lugar privilegiado ao

lado da amada mãe, desejo de morte que é simultâneo ao seu amor pelo pai. (Léon, 2013, p.19).

(...) Complexo nuclear da neurose, o Édipo é percebido por Freud como a estrutura que organiza o desejo humano em torno da diferença entre os sexos e as gerações. (...) Instalado no centro do Édipo, o pai permite o seu acesso e sua saída. Designar o que deve ser desejado, a mãe, e mantê-la como objeto desejável através da sua interdição, ser o apoio das identificações, garantir a diferença entre os sexos e das gerações, tais são os elementos em jogo no Édipo, cujo elemento central é o pai. (Marcos, 2010, p. 446)

Deste modo, Freud (1917/1996) constrói o enredo do complexo de Édipo nos meninos a partir do desejo de possuir a mãe, uma vez que esta satisfaz todas as suas necessidades. Entretanto, o pai surge como empecilho, de modo que há um interesse dele em relação à mãe e vice-versa. Neste momento o menino tem no pai um rival, mas diante da postura enérgica da figura paterna o desejo de possuir a mãe se vê frustrado e o complexo de Édipo entra em declínio frente à ameaça de castração.

No que se refere ao complexo de Édipo nas meninas, para Freud (1917/1996) este tem seu ápice no desejo de ter um filho do pai, mas diante da indiferença paterna e da impossibilidade de concretizar tal desejo, tal aspiração dá lugar a um grande sentimento de frustração que leva a dissolução do complexo. Mesmo após sua dissolução o desejo de ter um filho e possuir o pênis ainda permanecem no inconsciente da menina, preparando-a para seu futuro papel sexual.

Portanto, meninos e meninas passam pelo complexo de Édipo e conseqüentemente pelo complexo de castração, mas de maneiras diferentes. As meninas já têm a castração como algo factual em virtude da ausência do pênis, sendo assim, o temor que surge neste conflito é em decorrência da possibilidade de perda do amor das figuras parentais e não pela possibilidade de perda do pênis como ocorre com os meninos.

A frustração da realização do desejo incestuoso nutrido pela figura parental que, via de regra, é a de sexo oposto, resulta na dissolução deste complexo, e a figura responsável dentro do enredo edipiano pela inscrição da castração e da lei simbólica na estruturação do psiquismo e de sua subjetivação é o pai.



### 2.1.2. O Pai em “Totem e Tabu”

Em Totem e Tabu, Freud traz o mito da horda primeva, forma de organização social primitiva, cujas considerações foram fundamentais para aprofundar a discussão sobre a função do complexo de Édipo para a constituição psíquica, e para o levantamento dos aspectos sociais e culturais relacionados ao pai.

O autor na elaboração deste mito científico tece hipóteses acerca de um tempo primitivo em que o pai totêmico é morto e devorado pelos filhos expulsos da horda, que encontram no parricídio a possibilidade de obtenção do gozo interdito pelo pai terrorífico que lhes causava tanta angústia. Chega ao fim à horda patriarcal, e os filhos ao devorarem o pai morto acabam por estabelecer uma identificação com este pai, passo primordial para a instituição do pai simbólico, que a partir deste ato criminoso dá surgimento à organização social, às restrições morais, e à religião.

Ao realizar tais considerações, para além da mitologia, o autor se utiliza de estudos antropológicos e de conceitos trazidos por Darwin sobre o estado dos homens primitivos, como por exemplo, a ideia de que durante esse período os homens se organizavam em hordas, e que o macho mais velho e forte comandava a todos e impedia a promiscuidade sexual.

No início do primeiro ensaio o autor já deixa evidentes suas intenções ao produzi-lo:

Há homens vivendo em nossa época que, acreditamos, estão muito próximos do homem primitivo, muito mais do que nós, e a quem, portanto, consideramos como seus herdeiros e representantes diretos. Esse é o nosso ponto de vista a respeito daqueles que descrevemos como selvagens ou semi-selvagens; e sua vida mental deve apresentar um interesse peculiar para nós, se estamos certos quando vemos nela um retrato bem conservado de um primitivo estágio de nosso próprio desenvolvimento. Se essa suposição for correta, uma comparação entre a psicologia dos povos primitivos, como é vista pela antropologia social, e a psicologia dos neuróticos, como foi revelada pela psicanálise, está destinada a mostrar numerosos pontos de concordância e lançará nova luz sobre fatos familiares às duas ciências. (Freud, 1913, p.6)

No que diz respeito aos estudos antropológicos, Freud se utiliza em especial dos produzidos por J. G. Frazer, autor de Totemism and Exogamy (1910), que tratam dos aborígenes da Austrália. Freud, a partir destes textos tece hipóteses acerca da relação entre o mito da horda primeva e as práticas de totemismo

conjunto de crenças místicas de um determinado grupo, em que os pertencentes estabelecem uma relação de parentesco ou afinidade a partir da identificação com um determinado totem (plantas, animais ou um antecessor).

O autor observou que mesmo dentro destes grupos, que obviamente não apresentavam a moral rígida das pessoas ditas civilizadas, ocorriam práticas de exogamia, por meio da proibição de práticas sexuais e casamentos entre membros do mesmo grupo. Outra característica importante a respeito da prática de exogamia é que a violação do impedimento de práticas incestuosas acarretava em severas punições aos envolvidos. Assim, a partir desta interdição se estabelece o “tabu”, terminologia que dá título a este livro.

A restrição de tabu correspondente proíbe aos membros do mesmo clã totêmico de casar-se ou de ter relações sexuais uns com os outros. Temos aí o notório e misterioso correlato do totemismo: a exogamia. Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago - não matar o totem e não ter relações sexuais com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. (Freud 1913, p.79)

Para Freud (1934/1937), o termo “Tabu” possui dois sentidos conflitantes, o primeiro deles é o aspecto sagrado envolvido e o segundo é o caráter proibitivo e intimidante. Entretanto, é através desta ambivalência que se origina o mais antigo código de conduta não escrito da civilização, através do qual Freud estabelece a relação entre os ritos destes povos primitivos e a estruturação da neurose.

Freud encontra na estrutura neurótica esta mesma ambivalência que ocorre entre os povos primitivos, que na impossibilidade de tocar nos objetos interditados se veem envolvidos em conflitos que surgem em virtude dos desejos inconscientes e dos temores nutridos em relação a esses desejos.

Ao se aventurar no campo da Antropologia social, Freud (1913), a partir da hipótese da horda primeva aponta para o surgimento de um pai enquanto instância simbólica, que só se dá a partir do pai morto. A morte do pai totêmico é, por isso, o marco fundante de todas as organizações sociais e culturais, e tal constatação de

Freud fundamenta sua reflexão sobre o complexo de Édipo no que diz respeito à origem da civilização.

### **2.1.3. O pai em “Moisés e a Religião Monoteísta”**

Freud, na etapa final de sua vida produz o trabalho intitulado “Moisés e a Religião Monoteísta”, a partir de três ensaios que datam do período de 1934 a 1938. Nesta obra, o autor tece suas hipóteses sobre como teria ocorrido o nascimento da mais antiga religião monoteísta por meio da figura mítica de Moisés.

Novamente o autor lança mão da mitologia, e se utiliza dos estudos contidos no livro “O mito do nascimento do herói” de seu discípulo e colaborador Otto Rank, em que este discorre sobre mitos como Perseu, Édipo, Paris, Karna, Moisés, Tristan, Jesus, entre outros (Gaviria, 2014). Freud (1939, p.6), seguindo a linha de pensamento proposta por Rank, destaca uma série de aspectos recorrentes a todos esses mitos, e, por meio destes aspectos de similaridade, discute aquilo que chamou de “Lenda Média”, que trata da síntese narrativa dos aspectos comuns relacionados a estes mitos, conforme trecho a seguir:

O herói é filho de pais muito aristocráticos; geralmente, filho de um rei. Sua concepção é precedida por dificuldades, tal como a abstinência ou a esterilidade prolongada, ou seus pais têm de ter relações em segredo, por causa de proibições ou obstáculos externos. Durante a gravidez, ou mesmo antes, há uma profecia (sob a forma de sonho ou oráculo) que alerta contra seu nascimento, que geralmente ameaça perigo para o pai. ‘Como resultado disso, a criança recém-nascida é condenada à morte ou ao abandono, geralmente por ordem do pai ou de alguém que o representa; via de regra é abandonada às águas, num cesto.’ Posteriormente ele é salvo por animais ou por gente humilde (tais como pastores) e amamentado por uma fêmea de animal ou por uma mulher humilde. Após ter crescido, redescobre seus pais aristocráticos depois de experiências altamente variadas, vinga-se do pai, por um lado, é reconhecido, por outro, e alcança grandeza e fama. (Freud, 1939, p. 6)

A partir da reflexão sobre este trecho, Freud (1939), aponta a possibilidade de se extrair várias representações simbólicas: o cesto representaria o útero; a água representaria o líquido amniótico; a relação do genitor com a criança se vê representada pelo ato de tirar para fora ou salvar das águas; a família real aristocrata representaria a família fictícia; e a família humilde representaria a família

do herói. É importante ressaltar que as duas famílias representadas, segundo a interpretação psicanalítica, se tratam de uma só.

Quando a imaginação de um povo liga o mito de nascimento que estamos examinando a uma figura fora do comum, está pretendendo, dessa maneira, reconhecê-la como herói e anunciar que ela correspondeu ao modelo regular de uma vida de herói. Na verdade, contudo, a fonte de toda ficção poética é aquilo que é conhecido como o 'romance familiar' de uma criança, no qual o filho reage a uma modificação em sua relação emocional com os genitores e, em especial, com o pai. Os primeiros anos de uma criança são dominados por uma enorme supervalorização do pai; em consonância com isso, rei e rainha nos sonhos e nos contos de fadas invariavelmente representam os genitores. Mais tarde, sob a influência da rivalidade e do desapontamento na vida real, a criança começa a desligar-se deles e a adotar uma atitude crítica para com o pai. Assim, ambas as famílias do mito - a aristocrática e a humilde - são reflexos da própria família da criança, tal como lhe apareceram em períodos sucessivos de sua vida. (Freud 1934/1939, p. 6)

Porém, ao analisar a lenda de Moisés, Freud resalta que ela é narrada de forma diferente; no caso de Moisés a primeira família é extremamente humilde e a segunda família é composta por membros da aristocracia egípcia, se apresentando de maneira inversa a maioria dos mitos.

Eduard Meyer e outros especialistas consideraram a possibilidade de a lenda ser originalmente diferente: "O faraó, segundo eles, fora advertido por um sonho profético de que um filho nascido de sua filha traria perigo para ele e para seu reino. Dessa maneira, fez com que a criança fosse abandonada no Nilo, depois do nascimento, mas ela foi salva por judeus e criada como filho deles." (Freud, 1939, p.8). De acordo com Otto Rank, a lenda tal a conhecemos pode ter sido alterada, por motivos nacionalistas.

Mas, Freud chama atenção para o fato de que se a lenda original fosse como o proposto por Meyer ela teria origem judaica ou egípcia se por ventura ela fosse de origem egípcia não haveria motivos para os egípcios glorificarem Moisés, uma vez que não seria um herói para eles. E se considera tal lenda de origem judaica, em sua forma familiar, como a lenda de nascimento de seu líder, ela seria inapropriada, pois faz de seu grande herói um estrangeiro. Mesmo em meio a tantas contradições, em virtude de sua construção teórica de "Moisés egípcio" ter grande sustentação

dentro de sua interpretação analítica, Freud prossegue na construção de novas hipóteses a partir deste ponto. Deste modo, o autor segue com outro tema caro a este ensaio, conforme trecho a seguir:

(...) No Egito, até onde podemos compreender, o monoteísmo cresceu como um subproduto do imperialismo. Deus era um reflexo do faraó, que era soberano absoluto de um grande império mundial. Com os judeus, as condições políticas eram altamente desfavoráveis ao desenvolvimento da ideia de um deus nacional exclusivo para a de um soberano universal do mundo. E onde foi que essa minúscula e impotente nação achou a arrogância de declarar-se a si própria filha favorita do grande Senhor? (...) deparamo-nos com o fato de que os próprios registros e escritos históricos judaicos nos apontam o caminho, asseverando bastante definitivamente - dessa vez, sem contradizer-se - que a ideia de um deus único foi trazida ao povo por Moisés. (Freud 1934/1939, p. 48)

Assim, a partir da preocupação com a origem da religião monoteísta, o autor formula hipóteses sobre como teria ocorrido a transição do totemismo para o monoteísmo sob influência da figura de Moisés. De acordo com Gavaria (2014, p. 146), dentre as hipóteses levantadas por Freud estão as de que: 1) Moisés seria egípcio e adepto ao culto de Aten (Deus universal), em que não havia restrição a um único país ou povo; 2) Era um aristocrata, um membro da casa real, tal como a lenda diz a seu respeito. Achando-se perto do faraó, era um aderente convicto da nova religião, cujos pensamentos básicos fizera seus; 3) A doutrina de Moisés pode ter sido inclusive mais dura do que a de seu mestre, o que resultou no assassinato do herói, realizado por seu próprio povo; 4) Surgiu então, dentre o povo, uma sucessão infundável de homens que não eram ligados a Moisés em sua origem, mas que foram cativados na obscuridade: foram esses homens, os profetas, que incansavelmente pregaram a antiga doutrina mosaica. Os esforços dos profetas alcançaram sucesso duradouro; as doutrinas com que haviam restabelecido a velha fé tornaram-se o conteúdo permanente da religião judaica. É honra bastante para o povo judeu que tenha conseguido preservar tal tradição e produzir homens que lhe deram voz, ainda que a iniciativa para isso tenha provindo do exterior, de um grande forasteiro.

A partir da hipótese narrada acima, Freud remonta sua analogia com o mito da horda primeva. Para o autor, o suposto assassinato de Moisés teria recriado um grande sentimento de culpa semelhante ao ocorrido com os integrantes da horda

primitiva após o parricídio do pai primevo, que posteriormente deu surgimento ao totemismo. Tal assassinato de Moisés teria então gerado um retorno do recalcado, configurando a religião mosaica como um modelo de autoacusação (Garivia, 2014). Através do culto à religião monoteísta do Deus Mosaico, é imposto a esses sujeitos um conjunto de renúncias que impõe restrições às pulsões libidinais oriundas do Id.

(...) Uma abstenção da satisfação desse tipo, a renúncia a um instinto por causa de um obstáculo externo — ou, como podemos dizer, em obediência ao princípio da realidade —, não é agradável em caso algum. (...) A renúncia instintual, contudo, pode também ser imposta por outras razões, as quais corretamente descrevemos como internas. No curso do desenvolvimento de um indivíduo, uma parte das forças inibidoras do mundo externo é internalizada e constrói-se no ego uma instância que confronta o restante do ego num sentido observador, crítico e proibidor. Chamamos essa nova instância de superego. (Garivia, 2014, p.149)

Logo, estas restrições já não são mais advindas de uma fonte externa, como na parte inicial do mito da horda primeva, mas surgem a partir da internalização da norma a partir da identificação com o pai morto, o pai simbólico, responsável pela constituição superego, cujos preceitos religiosos também fazem parte de sua constituição.

A partir desta breve apresentação de sua teorização é nítido o esforço de Freud em compreender o enigma do pai, se mostrando completamente envolvido com seus textos através de seus questionamentos, inseguranças e angústias. Felizmente, Freud prosseguiu em seu intento utilizando especialmente as ficções míticas como suporte de sustentação para sua metapsicologia, uma vez que o autor propõe a Psicanálise como uma ficção teórica. De acordo com Marcos (2010):

A teoria freudiana do pai tem suas raízes no mito, desde a velha história do Édipo, o desejo pela mãe e o ódio contra o pai, passando pela fundação da cultura a partir do assassinato do pai em “Totem e tabu”, até o romance histórico concebido em Moisés. O Édipo apresenta-se como o discurso que torna possível o progresso da teoria confrontada a seus impasses, de modo que ele se constitui como a resposta de Freud aos limites encontrados em sua prática clínica. Para dizer as palavras das históricas, o discurso científico não é mais suficiente. O mito e a literatura, discursos recalcados da racionalidade científica, fazem-se necessários. (p. 454)

## 2.2. J. Lacan

Jacques Marie Lacan (1901-1981) médico psiquiatra e psicanalista, nascido em Paris, na França, não se limitou somente ao estudo da Psicanálise, se enveredando por áreas do conhecimento como a linguística estrutural, a matemática, a filosofia, o estruturalismo antropológico, que inspiraram suas obras e enriqueceram ainda mais seu trabalho. Contudo, sua forma de interpretação e método de descrever as teorias psicanalíticas contribuíram para a complexidade da compreensão de seu trabalho. De acordo com Nasio et al. (1995, p.262), Lacan nunca se preocupou em desenvolver um estilo de escrita, e sempre escreveu por se sentir impelido a tal ato, em virtude de uma grande inspiração.

Sua obra assume maior importância após a segunda guerra mundial, e em 1951, em decorrência de sua atitude contrária ao movimento de promoção da psicologia do ego dos pós-freudianos, o autor propõe um retorno a Freud, redefinindo as categorias psicanalíticas existentes e criando muitas outras. Posteriormente, em virtude do caráter inovador de seu trabalho ocorreram cisões com a Sociedade Psicanalítica de Paris e instâncias internacionais.

Uma das principais contribuições teóricas de Lacan foi sua teorização sobre o inconsciente, na qual o autor propõe que sua estruturação se dá como na linguagem, e para tal, se utiliza das ferramentas conceituais presentes nos estudos de Ferdinand Saussure (1857-1913) sobre linguística. Porém, Lacan subverte a relação entre significado e significante proposta por Saussure. O linguista tinha como imprescindível a compreensão de que significado e significante são parte integrantes de um único elemento, “o signo linguístico”. Mas, para Lacan há uma primazia do significante sobre o significado, ou seja, de acordo com sua teoria o inconsciente se apropria muito mais dos significantes do que dos significados. Assim, Lacan conclui que, não é a partir dos conceitos presentes em vocábulos que o inconsciente opera; o mais importante é o que o significante remete ao sujeito.

Ao revisar o complexo de Édipo freudiano, Lacan faz nova contribuição teórica. Para o autor, a “função paterna” tem importância basilar neste complexo paterno; seu papel, para além de promover o conflito neurótico e de representar o modelo para a identificação superegógica, principais argumentos freudianos, para Lacan, o superego, exatamente por constituir o aspecto da identidade caracterizado

pela aceitação do limite, da norma, do estabelecimento de ideais, tem como função principal constituir a barreira contra a psicose (Dor, 1992).

O que se pode observar a partir dos estudos sobre a problemática do pai em Lacan, é que a maior parte deles se dedica a questão do “Nome-do-Pai”, uma vez que, este é o grande marco teórico da função paterna em sua obra. Mas, para alcançar a complexidade desta temática em seus textos necessita-se retornar a este e a outros conceitos relacionados à função paterna em sua produção teórica.

### **2.2.1. O Estádio do Espelho**

Neste texto de 1949, Lacan traz conceitos da psicologia comparada, da Gestalt, dentre outros conceitos além da psicanálise, para construir suas hipóteses sobre como o filho do homem tem condições de reconhecer sua imagem frente ao espelho (Lacan, 1996, p.97). O autor toma como referência os estudos realizados por Wallon (1879-1962), que resultaram em um experimento que permitiu encontrar diferenças entre a criança e o chimpanzé. Aos seis meses, o chimpanzé ao ver sua imagem no espelho prontamente entende seu caráter ilusório e perde o interesse nela, enquanto a criança fica fascinada e entende o reflexo no espelho como sendo sua própria imagem. Nesse sentido, Lacan (1996, p.98) comenta: “(...) o filhote do homem, numa idade em que, por curto espaço de tempo, mas ainda assim por algum tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece não obstante como tal sua imagem no espelho.” Mas, até que se chegue a esse momento há todo um percurso do desenvolvimento da criança que, segundo Lacan (1996), pode ser compreendido a partir de uma dialética temporal, da qual emana a história de surgimento do indivíduo.

No primeiro momento deste drama que reconstrói a via de pré-formação do “Eu”, a criança, a partir de uma ação especular, começa a perceber sua imagem no espelho; contudo, ela a acolhe enquanto pessoa real. Neste estágio não está operando a noção de alteridade, pois o eu, o outro e os demais elementos que compõe o ambiente estão misturados. O segundo momento diz respeito ao desenrolar do processo identificatório, em que a criança avança ao perceber que a imagem produzida pelo espelho não é real, passando a diferenciar o reflexo refletido no espelho da realidade do outro. Enfim, o terceiro momento, em que ocorre



identificação primordial, no entanto, junto com ela surge um sentimento de ambivalência: ao mesmo tempo em que há um contentamento vindo da sensação imaginária de triunfo ao alcançar tal identificação, também surge uma tensão agressiva em relação à imagem, pois ela reflete a totalidade que ameaça a criança com fragmentação. De acordo com Léon (2013), a resolução dessa ambivalência é a identificação com a imagem do espelho, que Lacan assume como o protótipo de identificação imaginária com o semelhante, que é a formação da função do eu. Segundo Lacan (1996):

Basta-nos compreender o estágio do espelho como uma identificação, no sentido pleno que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago*. A assunção jubilatória de sua imagem especular, por esse ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filho do homem no estágio de *infans*, parece-nos, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o Eu se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética de identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (Lacan, 1996, p.98)

Nesse sentido, o estágio do espelho não se configura somente como um processo evolutivo, mas também como a via responsável pelo acesso do sujeito ao plano imaginário, ou seja, é o núcleo fundador do narcisismo e da agressão, a representação do valor estrutural e estruturante da natureza conflitiva oriunda da relação dual. Assim, ao contrário do postulado pela filosofia do cogito, que tem uma concepção de eu centrada em um sistema de percepção-consciência, a partir do estágio do espelho proposto por Lacan tem-se vinculados ao “Eu” a função de ignorância, e o arquétipo de alienação subjetiva, que advém da identificação do sujeito com uma imagem que lhe é estranha, e será essa ilusão e alienação imaginária que será confrontada com o Complexo de Édipo e sua função normalizadora, responsável por introduzir a ordem simbólica que permite a entrada subjetiva no campo da cultura (Leon, 2013, p.53).

### 2.2.2. A Metáfora Paterna

Lacan no início deste ensaio levanta uma série de questões relacionadas ao complexo de Édipo, dividindo-as em três pólos. O primeiro pólo diz respeito às interrogações sobre a origem do supereu e as neuroses sem Édipo; o segundo pólo trata das estruturas que apresentam perturbações no campo da realidade; e finalmente o terceiro pólo, que aborda a relação do complexo de Édipo com a genitalização. Em suas palavras:

(...) Com respeito ao tema histórico do complexo de Édipo, tudo gira em torno de três pólos - o Édipo em relação ao supereu, em relação à realidade e em relação ao Ideal do eu. Ideal do eu na medida em que a genitalização, ao ser assumida, torna-se um elemento do Ideal do eu. E realidade na medida em que se trata das relações do Édipo com as afecções que comportam uma subversão da relação com a realidade - a perversão e a psicose. (Lacan, 1957/1958, p.171)

Ao tratar do primeiro pólo, o autor cita a obra de Charles Odier (1886-1954), "Neurose sem complexo de Édipo?", como exemplo dos inúmeros questionamentos surgidos após as elaborações de Freud sobre o supereu de origem paterna, questionamentos estes que buscariam investigar a possibilidade de um supereu de origem materna. No que tange o segundo pólo, Lacan trata da perversão e da psicose enquanto perturbações do campo da realidade, intensamente ligadas ao campo da imagem, na qual ambas teriam suas origens remontadas à esfera pré-edípica, com a ressalva de que existem diferenças entre essas duas estruturas.

Sobre o terceiro pólo o autor aponta a importância do complexo de Édipo não só no que se refere à estrutura moral do sujeito e sua relação com a realidade, mas também ao processo de assunção do sexo, que não resultaria puramente de um processo de ordem biológica. Segundo o autor:

A questão da genitalização é dupla, portanto. Há, por um lado, um salto que comporta uma evolução, uma maturação. Por outro, há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes as coisas, aquilo que faz com que o homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher. A virilidade e a feminização são os dois termos que traduzem o que é, essencialmente, a função do Édipo. (Lacan, 1957/1958, p.171)

O autor ao retornar ao complexo de Édipo aborda sua função fundamental de estruturação psíquica, demonstrando a relação direta existente entre o complexo de Édipo e a função do pai, conforme o seguinte trecho: “Não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai.” (Lacan, 1957/1958, p.171)

Nesse sentido, Lacan se utiliza de um esquema de três patamares onde exemplifica os efeitos da função do pai nos três registros – real, simbólico, imaginário – No primeiro patamar, o pai ao introduzir a ameaça de castração ao menino atua enquanto pai real, o que surtirá efeitos sobre o campo imaginário da criança; Quando o pai intervém exigindo seus direitos sobre a mãe, neste momento ele atua como pai simbólico o que acarretará em uma frustração real da criança; enfim o terceiro patamar em que o pai se faz preferir ao invés da figura da mãe, o pai intervém como pai imaginário por meio da privação que oferece à criança e a possibilidade de identificação final que fará com que se forme o ideal do eu, a partir da reverberação no campo simbólico, ponto de saída do Édipo (Lacan, 1957/1958, p.171).

Assim, ao tratar da função paterna, Lacan cita a expressão latina “pater semper incertus est”, propondo que tal função vai se constituindo ao longo do complexo de Édipo por meio de uma metáfora, que só se torna bem-sucedida a partir da substituição do significante S’ (Desejo da mãe) pelo significante S (Nome-do-pai). Esta substituição oferece uma mudança de sentido, quando o pai substitui a mãe enquanto significante, S’ (Desejo da mãe) se torna s (Falo). Em um dado momento do Édipo a posição fálica é deslocada da criança sinalizando que há algo que falta à mãe que o pai possui. É neste momento que a criança se dá conta da posição que ocupava enquanto falo da mãe, posição esta que já não ocupa mais (D’Agord, 2003, p. 4). Lacan (1957/1958, p.181), se utiliza de um recurso matemático para exemplificar tal relação metafórica, a multiplicação de frações conforme abaixo:

$$\frac{S}{S'} \cdot \frac{S'}{x} \rightarrow S \left( \frac{I}{s} \right)$$

Logo, para que ocorra a instauração do pai simbólico ao fim do complexo de Édipo é necessário que se estabeleça a metáfora paterna, de forma que o Nome-do-pai, o significante mestre, se coloque no lugar do significante Desejo da mãe. Deste modo, a principal intenção do autor ao tratar da metáfora paterna é introduzir a noção de como a criança ao fim de sua fase pré-edípica e no alvorecer do complexo de Édipo toma o falo enquanto significante, de forma que este se torne o instrumento de ordem simbólica que irá orientar suas relações de ordem objetal (D'Agord, 2003).

### **2.2.3. Os Três tempos do Édipo**

Neste capítulo, Lacan dá continuidade a sua discussão sobre a relação existente entre o complexo de Édipo e a função do pai, que já havia sido introduzida no capítulo anterior a partir do esquema de três patamares, contudo, a partir da divisão do Édipo em três tempos o autor nos apresenta de forma minuciosa seu desenrolar.

O primeiro tempo, Lacan irá situar como etapa fálica primitiva, pois neste momento o que existe é o anseio da criança em satisfazer o desejo da mãe, ressaltando que seria da ordem do desejo de ocupar a posição de objeto do desejo da mãe, ou seja, o “desejo de desejo”. Aqui, a metáfora paterna já se encontra operando, uma vez que é representada por meio da primazia do falo em meio à cultura, mas o bebê ignora o símbolo do discurso e da lei, sendo assim, não é capaz de compreender o que move o desejo da mãe, se identificando especularmente como seu falo, só captando o final da operação. Segundo Lacan (1957/1958, p.198) para agradar à mãe é necessário e suficiente ser o falo.

No segundo tempo, o pai surge no plano imaginário como o privador da mãe, desvinculando a criança de seu objeto de identificação, assim qualquer demanda endereçada ao Outro, que a princípio é representado pela figura da mãe, terá de passar pelo que Lacan chamou de o Outro do Outro: a mãe tem no pai o mediador daquilo que está para além de sua lei e de suas vontades. Tem-se aqui o pai estabelecido pelo significante mestre do Nome-do-pai, responsável pela enunciação da lei. De acordo com o psicanalista:

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave do Édipo. O que constitui o seu caráter decisivo deve ser isolado como relação não com o pai, mas com a palavra do pai. (Lacan, 1957/1958, p. 199)

A partir desta intervenção se estabelece o interdito do incesto e o complexo de castração, o que retira a criança de uma posição subjetiva narcísica, passo fundamental para a liberação do investimento em outros objetos. É importante salientar que Lacan, ao entrar no tema do complexo de castração, afirma que embora este conceito seja fundamental no que se refere à interdição realizada pela função do pai, ele não deve ser compreendido somente pelo temor da perda do pênis, mas deve-se, sobretudo abranger todos os seus efeitos. Ao se referir ao falo, Lacan não trata diretamente do órgão sexual masculino, mas daquilo que orienta o nosso desejo.

Apesar de profundamente ligada à articulação simbólica da proibição do incesto, a castração manifesta-se, portanto, em toda a nossa experiência, e particularmente, nos que são seus objetos 'privilegiados, ou seja, os neuróticos, no plano imaginário. (Lacan 1957/1958, p. 175)

Enfim, o terceiro tempo, posterior à privação e à castração, este momento é que o pai se revela como possuidor do falo, intervindo no plano real investido de grande sentimento de potência junto à figura da mãe (LACAN, 1957/1958). A partir desta intervenção dá-se início ao declínio do Complexo de Édipo, ponto em que a questão fundamental do filho já não é mais “ser ou não ser o falo”, mas “ter ou não ter o falo”. E é justamente por intervir como o possuidor do falo que o pai é internalizado por meio do processo identificatório que posteriormente irá constituir o “ideal do eu” inscrito no polo do filho no triângulo simbólico. Entretanto, ao ser interrogado sobre a questão da presença do pai na triangulação edípica enquanto pessoa real, Lacan propõe que esta não é indispensável.

Mesmo nos casos em que o pai não está presente, em que a criança é deixada sozinha com a mãe, complexos de Édipo inteiramente normais - normais nos dois sentidos: normais como normalizadores, por um lado, e também normais no que se desnormalizam, isto é, por seu efeito

neurotizante, por exemplo - se estabelecem de maneira exatamente homologa a dos outros casos. (Lacan, 1957-1958, p. 173)

Assim, para o autor o ponto primordial de sua teoria é a presença do Nome-do-Pai no discurso da mãe, o propondo como uma metáfora. Deste modo, Lacan ao revisitar Freud ratifica suas elaborações sobre pai enquanto ficção, algo não natural, além de contribuir com suas construções teóricas para a compressão do pai enquanto metáfora que representa o lugar da cadeia significante enquanto lei.

### **3. TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE D. W. WINNICOTT**

#### **3.1. Breve biografia do autor e aspectos gerais da teoria**

Nascido em Plymouth, no Reino Unido, Donald Woods Winnicott (1896-1971), era o filho caçula de um casal protestante. Seu pai era um homem absorvido pelo trabalho e pela política, deste modo, não se estabeleceu entre eles uma relação de proximidade (NASIO, 1995). Winnicott foi enviado ainda na infância para um internato em Cambridge, cidade onde viveu por um longo tempo. Mais adiante, o jovem Winnicott foi para Londres para terminar seus estudos e, em 1920, se diplomou médico (NASIO, 1995).

Após sua formação médica, em virtude de sua vivaz inquietação, em 1923, Winnicott teve seu primeiro contato com a psicanálise, momento em que se deparou com a obra freudiana e iniciou um tratamento analítico com James Strachey (1887-1967). Mais adiante, a partir dos anos 30, movido pela pregnância de suas vivências Winnicott deu início à teorização sobre sua experiência clínica pediátrica e psicanalítica (FERREIRA & AIELLO-VAISBERG, 2006).

Certamente sua formação médica prestou grande contribuição ao desenvolvimento de sua clínica. A posse desse saber lhe permitiu diferenciar os estados clínicos que apresentavam um fator físico desencadeador de estados psicológicos secundários dos que não apresentavam algum aspecto fisiológico que justificasse o processo de adoecimento da criança, o que logo lhe apontava para um distúrbio de ordem psicológica, nesta ou em seus pais (DIAS, 2002). Sobre isso Dias (2002) comenta:

Tendo convivido num meio de pediatras e psiquiatras, Winnicott fez de perto a experiência da inadequação de se pensar a saúde e a doença em termos puramente organicistas. Ele parece ter sido, muito cedo, despertado para o fato de que a saúde, e mais do que a saúde, o sentir-se vivo, não pode resumir-se ao bom funcionamento dos órgãos e das funções, e que separar o físico do psíquico é um procedimento intelectualmente possível, mas altamente artificial. (DIAS, 2002, p. 112)

Nesse sentido, é a partir de suas concepções de que todo indivíduo humano possui a tendência inata ao amadurecimento, e que não há nenhum aspecto,

saudável ou doente, da existência humana que escape ao processo do qual o sujeito faz parte e tem sua origem, que Winnicott (1896-1971) formula o que é considerada a espinha dorsal de sua obra, a teoria winnicotianna do desenvolvimento emocional.

De acordo Khan, na introdução da obra *Da pediatria à Psicanálise*: “a prática de Winnicott estava ancorada numa crescente e intrincada teoria que lhe custava, o que ele costumava dizer ao citar um verso de Eliot, “nada menos que tudo”, desenvolvendo-se e sendo elaborada graças às suas experiências clínicas e pessoais, a partir de uma escrita simples, casual e ao mesmo tempo peculiar, sob a qual se estendia um complexo arcabouço teórico” (p.13). No que se refere a sua obra, Dias (2003) comenta:

De um modo geral, e deixando de lado os textos da década de 1930, em que ele escreve como pediatra, pode-se distinguir três fases na sua obra: a que vai de 1940 até a publicação, em 1951, do artigo seminal sobre os objetos transicionais; a fase da década de 50, em que a decisão de desenvolver sua própria perspectiva teórica fica mais explícita; e finalmente, a fase que começa na década de 1960, sobretudo com a publicação do artigo “A integração do ego no desenvolvimento da criança, no qual ele introduz os conceitos centrais da tendência inata do amadurecimento e de objeto subjetivo. (DIAS, 2003, p.18)

Com o desenvolvimento de seu pensamento analítico, Winnicott demonstrou sua preocupação com as diferentes dificuldades, tarefas e conquistas inerentes ao processo de amadurecimento pessoal, que robusteciam a ideia de que todo indivíduo possui uma tendência inata ao desenvolvimento. Para Winnicott, esta tendência inata atualiza-se por meio do funcionamento dos processos de maturação, que dentro do plano psíquico dizem respeito ao processo de formação e evolução do eu, do isso e do supereu, bem como ao estabelecimento dos mecanismos de defesa elaborados pelo eu num indivíduo sadio (NASIO, 1995). A saúde psíquica, portanto, repousaria no livre desenrolar desses processos de maturação (NASIO, 1995, p.183). Entretanto, para que a atualização destes processos se dê de forma satisfatória é essencial uma provisão ambiental oferecida pela figura dos pais.

É necessária nas fases iniciais da vida a oferta da possibilidade de existência por meio dos cuidados dispensados pelas figuras parentais, este é o “background” teórico a partir do qual o autor estabelece um sistema de compreensão acerca dos distúrbios psíquicos (DIAS 2003).



Diante do exposto até aqui fica clara a importância da questão ambiental para o autor, conforme ressalta Nasio (1995, p.183): “(...) é o ambiente, inicialmente representado pela mãe ou por um de seus substitutos, que permite ou entrava o livre desenrolar desses processos”. Assim, firmado nestes pressupostos o autor divide o processo de desenvolvimento emocional em três fases: fase de dependência absoluta, fase de dependência relativa e rumo à independência. Nesse sentido, o autor ainda ressalta que ter escolhido narrar o desenvolvimento em termos de jornada, da dependência rumo à independência, não invalida os conceitos estruturais da teoria pela qual se orienta, ou seja, a psicanálise, que toma o trajeto da imaturidade à maturidade orientado pela progressão da vida instintiva do indivíduo, em termos de zonas eróticas e relações objetais. De acordo com as palavras de Winnicott:

Tudo isso está bem. É tão verdadeiro agora como era então, e nos iniciou no pensamento e na estrutura da teoria pela qual nos orientamos. Está, portanto em nossos ossos, por assim dizer. Nós a temos como certas, e procuramos outros aspectos do crescimento quando nos achamos na posição em que me acho agora (...) (WINNICOTT, 1983, p.79)

E, para além da compreensão do desenvolvimento normal, Winnicott tem na teoria do desenvolvimento emocional o pilar fundamental para a compreensão da natureza e etiologia das diferentes formas de sofrimento psíquico.

### **3.2. Fase da Dependência Absoluta**

Nesta primeira fase do desenvolvimento, que vai dos primeiros dias de vida até os seis meses, o fator ambiental é um aspecto decisivo no desenvolvimento da criança, pois neste momento o bebê depende totalmente da mãe ou da pessoa que estiver na posição de cuidador. No entanto, há uma alienação completa do lactante em relação ao seu estado de dependência, não sendo capaz de compreender neste momento que ele e o ambiente são coisas distintas (NASIO, 1995).

Nesta fase primitiva do desenvolvimento ainda não se estabeleceu o fenômeno de integração, todos os elementos que compõem seu mundo estão

misturados, logo, não há uma unidade emocional capaz de lidar com os aspectos relacionados à interação com o mundo (NASIO, 1995, p.184).

Para além das necessidades de ordem fisiológica que o bebê apresenta, existem as necessidades de ordem psíquica relacionadas à formação da função do eu (NASIO, 1995). Deste modo, para que o bebê consiga realizar as tarefas inerentes ao seu processo de amadurecimento é preciso que lhe sejam oferecidas pelo meio social ou ambiental as condições necessárias ao seu desenvolvimento, pois, em virtude de seu estado imaturo o bebê necessitará do suporte emocional e somático vindos do ambiente que neste primeiro momento é representado pela figura da mãe (FARIA, 2012, p.40 apud LAURENTIIS, 2007). De acordo com Faria (2012, p. 40):

Nessa fase a mãe-ambiente (que pode ser a mãe verdadeira, mas também inclui todos os cuidados que o bebê recebe) deve se adaptar de forma absoluta ao bebê, dando origem ao que Winnicott chamou de preocupação materna primária, que está relacionada à capacidade da mãe de se identificar com seu bebê de forma que consiga captar suas necessidades.

Preocupação materna primária é um conceito criado por Winnicott para fazer referência a certo estado psicológico exibido pela mulher durante a gestação e em parte do puerpério. Surge neste momento um estado de preocupação e sensibilidade aguçada que faz com que a mãe se identifique ativamente com as necessidades do bebê, tornando-a capaz de oferecer um ambiente favorável ao desenvolvimento emocional da criança (ROCHA, 2006). A partir deste cenário surge um novo ponto fundamental desta relação, a previsibilidade materna, oriunda da intimidade e comunicação peculiar estabelecida pela díade mãe-bebê. Esta previsibilidade é diretamente proporcional à capacidade de adaptação da mãe as necessidades da criança ao longo do tempo (ROCHA, 2006). Nesse sentido, Dias comenta:

O aspecto central dos cuidados adaptativos está relacionado ao tempo. Sua característica básica é a confiabilidade, e esta significa previsibilidade. Quando se diz que uma criança é bem cuidada, isto quer dizer que os seus pais a protegem de imprevistos, de ser apanhada de surpresa por algo que não espera nem pode esperar. As experiências regulares, repetidas milhares de vezes, fazem com que surja no lactente um sentido de previsibilidade. À medida que o unitário se constrói, com o cuidado ambiental sendo incorporado como uma qualidade que lhe é intrínseca, a integração se transforma num estado cada vez mais consistente e o

indivíduo começa a tornar-se capaz de cuidar de si mesmo. Desta forma, a dependência diminui gradualmente. O desenvolvimento da autonomia da criança, com relação ao meio ambiente, está relacionado à capacidade crescente desta de fazer prognósticos. (DIAS, 2003, p.201 apud WINNICOTT, 1987, p. 95)

De acordo com Nasio (1995), Winnicott propõe o processo de adaptação da mãe às necessidades do bebê a partir de três funções fundamentais, que se dão de forma simultânea. Contudo, as apresenta de forma sequencial para uma melhor compreensão.

A primeira delas diz respeito à “apresentação do objeto”, marco fundamental do estágio da primeira mamada teórica. A partir da relação da criança com o seio da mãe no momento da amamentação, dá-se início a capacidade do bebê de se relacionar com os objetos (ROCHA, 2006). Assim, com o passar dos primeiros momentos de vida extrauterina, o bebê inicia este primeiro estágio do amadurecimento pessoal, que ocupa os primeiros três a quatro meses da vida do lactante, quando ocorrem às primeiras experiências relacionadas à amamentação (DIAS, 2003). De acordo com Dias (2003):

Winnicott usa a expressão “primeira mamada teórica”, referindo-se, com ela, a sequência das primeiras experiências concretas de amamentação. (...) Na teoria winnicottiana, a amamentação é a situação privilegiada em que, quando tudo corre bem, começam a estabelecer-se os primórdios da relação com a realidade externa, da qual a mãe é a primeira representante. O mais importante, aqui, é a qualidade do contato humano, a realidade as experiências que estão sendo providas ao bebê por meio do ato da amamentação: o encontro de algo que o bebê não sabe ser um objeto e o início de uma comunicação muito peculiar com a e, irrepetível verbalmente, que é também o começo da mutualidade. (p.164-165)

Winnicott adverte que embora a amamentação seja o foco central desta fase, esta não se trata somente do ato de saciar a fome do bebê, existem outros elementos envolvidos, para além da satisfação instintual e do contato libidinal relacionada à oralidade. O autor traz ao centro da discussão a relação estabelecida entre mãe e bebê, e Winnicott neste momento está mais preocupado com a mãe segurando o bebe, do que com amamentação como satisfação de uma necessidade instintual (DIAS, 2003).

Assim, ao considerarmos a situação de uma mãe que apresenta o seio ao bebê, ela não só lhe atende uma necessidade de ordem fisiológica, como também lhe oferece o suporte de sua presença psíquica, dando a ele oportunidade de se sentir criador daquilo que já estava lá, o seio da mãe (KLAUTAU, 2009 p. 38). Sob essa mesma perspectiva Rocha (2006) comenta:

Promovendo uma amamentação de acordo com que o bebê precisa, a mãe suficientemente boa possibilita a ele ser criador de seu próprio mundo, deixando-lhe a ilusão de ter criado os objetos externos. Permite, assim, que ele viva a experiência de onipotência, necessária nesse início, onde cria a concepção de realidade externa, importante passo rumo ao desenvolvimento saudável (p.26).

A mãe que provê ao bebê um ambiente simples, regular, que mantenha certa previsibilidade lhe dá à oportunidade de se sentir criador dos objetos que encontra, de forma que se instaure a ilusão de onipotência, base da capacidade de confiar do bebê que o permite seguir rumo a seu desenvolvimento (DIAS, 2003). De acordo com Dias (2003):

Não se trata, aqui, de uma crença nisso ou naquilo, mas da capacidade de “acreditar em...”. Winnicott diz: “Eu me apego a essa frase feia, incompleta, acreditar em...” (iy63d, p. S9). A frase tende a ser completada, com o tempo, pela crença de que o mundo é encontrável e confiável, de que, em algum lugar, existe algo que faz sentido, ou alguém que compreende e responde à necessidade. (p.168)

Esta confiança estabelecida entre a díade mãe-bebê é que permitirá o surgimento da ilusão primária, de forma que o infante futuramente possa se utilizar dela ao adentrar o espaço transicional, que é o berço da capacidade criativa do indivíduo. Segundo Dias (2003), a criatividade proposta por Winnicott é inédita na esfera da Psicanálise, pois para o autor ela não tem sua origem nas pulsões sublimadas, ela é própria da condição humana, e participa da constituição do “si mesmo”, essencial ao processo de integração.

A segunda função fundamental que se vê centrada na figura da mãe neste momento precoce da vida do bebê é o “holding”, função de sustentação exercida pela mãe no que se refere à proteção do bebê contra os perigos físicos e sua

ignorância em relação à realidade externa (NASIO, 1995). É por meio do holding oferecido pelos cuidados maternos que o bebê se entrega ao mundo psíquico, ficando protegido das interferências do mundo externo (ROCHA,2006). Nesse sentido, Dias (2003) ilustra:

Quando este está desperto, lá está a mãe oferecendo as amostras do mundo segundo a necessidade que ele manifesta e ela compreende: uma mamada, um manuseio, um banho, uma cantiga, ou, simplesmente, ficarem juntos se olhando. (DIAS, 2003, p.207)

A partir da premissa de que tal função é exercida de forma suficientemente boa, a criança segue rumo a sua integração (FARIA, 2012). De acordo com Winnicott (1983), este fenômeno se refere à conquista de uma unidade corporal que, só pode se estabelecer a partir da função ambiental de segurança oferecida pelo holding. Nas palavras do psicanalista:

Primeiro vem o “eu” que inclui “todo o resto é não-eu”. Então vem “eu sou, eu existo, adquiero experiências, enriqueço-me e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o não-eu, o mundo real da realidade compartilhada”. Acrescenta-se a isso: “Meu existir é visto e compreendido por alguém”; e ainda mais: “É me devolvida (como uma face refletida em um espelho) a evidência de que necessito de ter sido percebido como existente”. Em circunstâncias favoráveis a pele se torna o limite entre o eu e o não-eu. Dito de outro modo, a psique começa a viver no soma e uma vida psicossomática de um indivíduo se inicia. (WINNICOTT, 1983, p.60)

Tal segurança confere ao bebê as condições necessárias para a constituição de um corpo, de uma identidade, de uma dimensão subjetiva, e do sentido de realidade (ROCHA, 2006). A esse respeito, Nasio (1995) destaca:

Através dos cuidados cotidianos, ela (a mãe) instaura uma rotina, sequências repetitivas. Com essa função de holding, Winnicott enfatiza o modo de segurar a criança, a princípio fisicamente, mas também psicicamente. A sustentação psíquica consiste em dar esteio ao eu do bebê em seu desenvolvimento, isto é, em colocá-lo em contato com uma realidade externa simplificada, repetitiva, que permita ao eu nascente encontrar pontos de referência simples e estáveis, necessários para que ele leve a cabo seu trabalho de integração no tempo e no espaço. (NASIO, 1995, p.185)

Deste modo, na fase de dependência absoluta a mãe ocupa ao mesmo tempo a posição de objeto a ser descoberto e de ambiente (ROCHA, 2006, p.24). Por fim, temos a terceira função materna, o “handling”, que se refere à dimensão física do cuidado com o bebê que faz parte do segurar total (holding), (ROCHA, 2006). De acordo com Klautau (2009), o handling abrange o embalar, tocar, dar banho, acalmar, falar, cantar, entre outras atividades que surgem em resposta aos comportamentos do lactante, que são igualmente sociais, como gritar, se agitar, sorrir e o olhar. Deste modo, o handling é de extrema importância para a experiência de entrar em contato com as diversas partes do corpo através dos cuidados da mãe, pois esta interação física entre a mãe e bebê possibilita à criança realizar a tarefa de alojar a psique no corpo, que diz respeito à experiência de “habitar” o próprio corpo (FARIA, 2012). Nesse sentido, Nasio (1995) comenta:

O emprego dessa terceira função materna é necessário para o bem-estar físico do bebê, que aos poucos se experimenta como vivendo dentro de um corpo e, com isso, realiza uma união entre sua vida psíquica e seu corpo. Uma união que Winnicott chama de personalização (NASIO, 1995, p.185).

Desta maneira, o handling oferecido pela mãe auxilia o bebê na tarefa de alojamento da psique no corpo, esta união psicossomática é chamada por Winnicott de personalização. Segundo Dias (2003) esta se trata de uma conquista que pode ou não ser alcançada, e só pode ocorrer mediante a presença de outro ser humano que segure o bebê e cuide dele. Caso tal função não seja exercida de forma suficientemente boa, Winnicott nos aponta a possibilidade do surgimento de problemas psicológicos em decorrência da carência de contato com o corpo, que são manifestados pela dificuldade em aceitar os limites físicos enquanto reais (FARIA, 2012).

De acordo com Rocha (2006), a mãe ao exercer essas três funções fundamentais, oferece a criança uma fração do mundo, que aumenta gradativamente a partir da realidade compartilhada entre a díade mãe- bebê, sempre com o cuidado de conservar parte da ilusão de onipotência do bebê, tal percurso só pode ser alcançado a partir da provisão suficientemente boa oferecida pela mãe.

Entretanto, Rocha (2006, p.34) nos adverte que segundo a perspectiva winnicotiana, a mãe só pode ser entendida como bem-sucedida quando consegue

capacitar o bebê a se utilizar desta ilusão para aceitar, posteriormente, a desadaptação gradual (desmame). À medida que o bebê consegue lidar com esta separação, ele segue rumo à fase de dependência relativa, que fará com que gradativamente possa usufruir do mundo. Portanto, a série de cuidados dispensados pela mãe durante a fase de dependência absoluta pode ser entendida como o alicerce para a futura capacidade de confiar da criança.

### **3.3. Fase da Dependência Relativa**

A fase de dependência relativa, que compreende o período dos seis meses até os dois anos de idade, é o momento do amadurecimento pessoal em que o bebê depende relativamente dos cuidados da mãe e de outras figuras parentais (NASIO, 1995). Segundo Nasio (1995, p.191), a expressão dependência relativa se deve a conscientização da criança em relação a sua situação de sujeição. Esta tomada consciência a coloca em melhores condições de suportar as falhas maternas que surgirão, permitindo-lhe tirar maior proveito delas em relação ao seu desenvolvimento (DIAS, 2003).

Aqui a criança já avançou bastante, já se percebe como sujeito destacado da mãe, consegue notar as pessoas e objetos que compõem seu mundo externo e, por já ter realizado os fenômenos de integração e personalização, consegue se situar no tempo e no espaço (NASIO, 1995). Em contrapartida, a mãe também exhibe mudanças em sua vida psíquica, pois, vai se desligando do estado de intensa identificação com o bebê exibido na fase anterior, retomando seus afazeres pessoais e profissionais (ROCHA, 2006). Toda esta evolução psíquica da mãe compõe o cenário ideal para a introdução das chamadas “falhas de adaptação”, que devem surgir de forma moderada na relação mãe-bebê (NASIO, 1995).

Esta moderação permite a criança experienciá-las sem qualquer prejuízo, e utilizá-las para seu próprio desenvolvimento. Assim, a mãe suficientemente boa ainda dispensa seus cuidados à criança durante a fase de dependência relativa, uma vez que, esta ainda demanda de seus cuidados (ROCHA, 2006). Mas, também gera a frustração de forma proveitosa, lhe dando condições de seguir rumo a sua independência (ROCHA, 2006). Assim, de acordo com Dias (2003):

Se a mãe é saudável, a desadaptação acontece de forma natural, por coincidir com um momento em que ela já está cansada das exigências que a adaptação absoluta requer. Esta passagem é essencial para o amadurecimento do bebê; caso a mãe não seja capaz de abdicar da adaptação absoluta, isto pode gerar sérias dificuldades para a criança. (DIAS, 2003, p.137)

Deste modo, a partir da separação gradual da díade mãe-bebê abre-se um espaço potencial, localizado entre a realidade interna e a realidade externa, este espaço será ocupado pelo o Winnicott chamou de objetos transicionais, elementos que emergem da ilusão de onipotência, e que são eleitos pelo bebê para amenizar a angústia e frustração gerada pelo distanciamento da mãe. Sobre esse tema Dias (2003) comenta:

Na etapa que lhe é própria — devido à maturidade crescente do bebê, durante a desadaptação da mãe —, acontece então esse fenômeno, que não tinha ainda sido focalizado pela pesquisa analítica, mas que havia sido notado pelas mães: o apego do bebê a certos objetos, que ele, por assim dizer, elege. Investidos de uma importância toda especial, os objetos transicionais são tratados, pelo bebê, com imenso carinho, mas, também, com brutalidade, o que requer que sejam duráveis. Eles se tornam, durante um bom tempo, indispensáveis, insubstituíveis, sobretudo em momentos de tensão, inquietação ou angústia, como, por exemplo, na passagem da vigília para o sono ou nos momentos de ausência prolongada da mãe. (DIAS, 2003, p.235)

Este é o momento em que a criança começa a lidar com inúmeras coisas e pessoas, deste modo, ela encontra no espaço transicional a possibilidade de mediação da realidade interna com a realidade externa, por meio de suas fantasias pessoais (NASIO, 1995). Assim, o espaço transicional será ao longo da vida da criança o amortecedor do choque oriundo da tomada de consciência das experiências vividas no nível da realidade compartilhada. Para Dias (2003):

O que o amadurecimento promove é a capacidade inerente a todo ser humano de criar mundos e transitar entre eles. (...) Se o bebê tiver as condições ambientais satisfatórias que lhe possibilitem criar esse novo mundo — no qual permanece preservada a continuidade da ilusão básica — esta área ficará disponível para a criação e o exercício da capacidade de simbolizar e de brincar, ampliando-se, no decorrer da vida, para a arte e a cultura em geral. (p.137)



É importante frisar que o espaço transicional permanece por toda vida da criança, sendo preservado, de forma que a realidade externa em toda sua objetividade possa ser interpretada a partir de um significado pessoal. De acordo com Dias (2003, p.234), mesmo já havendo cedido ao mundo compartilhado, o indivíduo tem na criatividade um fenômeno vital por primazia, que o torna capaz de lidar com a realidade externa sem perder o sentido pessoal de sua existência. Entretanto, a criança só consegue se valer do fenômeno da transicionalidade se tiver recebido uma provisão materna suficientemente boa durante a fase de dependência absoluta. As tarefas concluídas por ela nesta fase anterior através dos cuidados da mãe é que irão viabilizar sua entrada no mundo subjetivo (ROCHA, 2006).

A capacidade para o que é específico da transicionalidade, depende do sucesso na resolução das tarefas dos estágios anteriores, pois as experiências que se dão na área transicional, e o novo sentido de realidade que delas advém têm, necessariamente, suas raízes fincadas no mundo subjetivo do bebê. É a realidade fundada e experienciada no mundo subjetivo deste que dá fundamento a esse sentido transicional de realidade. Se o sentido subjetivo do real não foi constituído, os fenômenos da transicionalidade não terão significado e seus benefícios não poderão ser usufruídos. (Dias, 2003, p.232)

Deste modo, Winnicott adverte para a possibilidade do surgimento de mecanismos de defesas em decorrência do empobrecimento do espaço da transicional (NASIO, 1995), dentre eles, o falso self, que surge como recurso para lidar com dificuldades relacionadas à continuidade de ser e de um “si mesmo” (GALVÁN e MORAES, 2009). As falhas de maternagem ocorridas nos momentos primitivos do amadurecimento podem prejudicar a constituição de um “si mesmo”, e, assim, em virtude desta falha ambiental o falso self surge como uma alternativa de restabelecer as condições necessárias ao seu desenvolvimento e proteção do self verdadeiro. Para Galván e Moraes (2009, p.53), “trata-se (o falso self) de uma forma primitiva de autossuficiência na ausência do cuidado”.

Portanto, diante destas considerações se torna evidente as angústias que povoam esta fase do amadurecimento pessoal, momento em que, para além da desadaptação da mãe, da tomada de consciência de seu estado dependência e dos desafios relacionados à utilização do espaço transicional, surge um novo aspecto do desenvolvimento da criança, a preocupação com as fantasias destrutivas dirigidas a

figura da mãe (EMMERICH, 2017). De acordo com Dias (2000, p.36): “É apenas no estágio de preocupação que aparece a agressividade propriamente dita, integrada como parte da personalidade, de caráter instintual, relativa à destrutividade que está presente na natureza humana.” Assim, a criança começa a se preocupar com as fantasias de destruição que nutre em relação ao corpo da mãe, como por exemplo, no momento da alimentação, ou quando expressa alguma agressividade em decorrência de uma excitação. De acordo com Nasio (1995):

Durante a primeira fase da vida, a criança pequena não se preocupava com essa destruição, mas, agora, inquieta-se com ela, pois reconhece que depende da mãe para seu bem-estar. Para que a criança pequena reconheça que “a mãe dos momentos de excitação” não foi destruída, é-lhe necessário reconhecer que “a mãe dos momentos tranquilos”, que ela reencontra após os momentos de tensão pulsional, é a mesma pessoa. (NASIO, 1995, p.191)

Entretanto, este reconhecimento só é possível a partir da sobrevivência da mãe a esses ataques, que pode ser compreendido a partir de sua permanência. Contudo, é importante ressaltar que a mãe que sobrevive é aquela que não se ausenta por um longo período, sob o risco de superar a capacidade da criança de conservar uma representação viva dela em sua memória (NASIO, 1995). Será a permanência da mãe que permitirá à criança a integração dessas duas figuras maternas, assim, ao alcançar a compreensão da mãe como pessoa total a criança experimenta pela primeira vez o sentimento de culpa, uma vez que, a mãe objeto de sua agressividade também é a mãe amada. Para Winnicott (1983):

A capacidade de se preocupar é uma hignidez, uma capacidade que, uma vez estabelecida, pressupõe uma organização complexa do ego, que não se pode considerar de outro modo que não seja o de uma conquista, tanto uma conquista do cuidado do lactante e da criança como uma conquista dos processos internos de crescimento no bebê e na criança. (WINNICOTT, 1983, p.71)

A elaboração destas vivências dá início aos mecanismos de reparação, que surgem no campo da fantasia seguindo para realidade, por meio dos gestos de carinho e presentes dirigidos a mãe (NASIO, 1995). Winnicott nos chama atenção,

sobretudo para esta necessidade da criança de se deparar com a possibilidade de reparação de um estrago, de forma que seus atos e idéias destrutivas apresentem a possibilidade de dissolução. Deste modo, dá-se origem a um círculo benigno, que tem início quando a criança percebe sua destrutividade e demonstra o anseio de reparação (DIAS, 2000). É a partir da apresentação desta possibilidade que ela poderá se sentir segura e confiante para continuar a viver sua impulsividade (DIAS, 2003).

Entretanto, caso a mãe não seja capaz de sobreviver aos ataques do bebê e oferecer a sustentação necessária aos mecanismos de reparação, este último sofrerá as consequências. Em virtude da não-integração dos estados excitados com estados tranquilos o bebê irá vivenciar uma dissociação que produzirá um sentimento de insegurança, inibindo sua vida instintiva e sua capacidade de brincar, concentrar, abstrair (DIAS, 2000). De acordo com Dias (2000, p.37), quando a criança não recebe o suporte para realizar a conquista do preocupar-se "(...) a transformação da não-preocupação em preocupação e culpa se desfaz e a agressão reaparece", o que faz com que o indivíduo se torne incapaz de responsabilizar por seus impulsos destrutivos.

Contudo, ao se considerar o sucesso da criança no desenrolar de seu desenvolvimento até aqui, à medida que já apresenta a experiência de habitar o próprio corpo e estabelecer relações de ordem objetal, é possível dizer que esta se encontra em estado de concernimento, rumo à sua independência (DIAS, 2003).

### **3.4. Rumo a Independência**

Este é o período que compreende o momento posterior aos dois primeiros anos, seguindo até a puberdade. Deste modo, uma vez que as bases da fase anterior foram bem estabelecidas, a criança tem nesta etapa o alvorecer de sua capacidade de socialização, se defrontando com as coisas do mundo com maior facilidade, por cada vez mais estas coincidirem com os elementos que compõe seu mundo interno (WINNICOTT, 1983).

Por volta dos três anos de idade a criança inicia sua fase fálica, em que desenvolve uma relação triangular com seus pais. Contudo, a entrada na triangulação edípica só pode se dar a partir da boa resolução do processo de dano e

reparação desenvolvido na fase de dependência relativa que, irá conferir à criança a capacidade de se responsabilizar por suas fantasias de origem pulsional, e exibir sentimentos como preocupação e culpa (EMMERICH, 2017).

Assim, mesmo partindo do pressuposto de sua existência, Winnicott não tem sua teoria centrada no Complexo Édipo, trazendo ao centro da discussão a importância da relação estabelecida entre a criança e seus pais (DIAS, 2003). Nesse sentido, Winnicott toma o Complexo de Édipo como mais uma fase do amadurecimento pessoal, que só pode ocorrer diante da entrada da criança nas relações objetais, pois estas lhe darão a sustentação necessária para participar da relação triangular.

Com a dissolução do Complexo de Édipo tem início o período de latência, e as transformações próprias desse período trazem alívio à criança, pois ao se ver liberada da necessidade de ajustar-se a tensão instintual, a criança se tranquiliza por alguns anos até a chegada da puberdade, tempo suficiente para elaborar as experiências vividas, fantasiadas e observadas na fase anterior, quando estava sob influência do instinto genital (WINNICOTT, 1988, p.73).

Mais adiante, já na adolescência, as mudanças ocorridas no corpo motivadas pela maturação sexual, e a busca de identificação com outros grupos para além da família, fazem com que o indivíduo enfrente alguns pontos críticos de sua existência que lhe colocam em um estado de desalojamento do “si mesmo” (EMMERICH, 2017). De acordo com Frota (2006, p. 59): “a puberdade pode ser compreendida como uma situação desalojadora, já que introduz o novo, aquilo que rompe com o que está estabelecido, inclusive com um si-mesmo infantil”.

Todo este panorama cria um contexto que, de certa forma, remonta as angústias vividas nos estágios precoces, pois, assim como nestes estágios temos nesse momento o nascimento de uma nova subjetividade. Entretanto, apenas quem teve os fenômenos de integração e personalização ocorridos de forma bem sucedida nos estágios precoces pode, vivenciar na adolescência um novo nascimento, ou seja, uma reinstalação do si-mesmo (FROTA, 2006, p.60).

Obviamente até mesmo um indivíduo dito normal pode apresentar algum grau de regressão no processo de socialização nesses últimos estágios, em decorrência das tensões existentes no contato intersubjetivo que, podem ser maiores que sua capacidade de suportar. Winnicott propõe o desenvolvimento emocional como um processo de idas e vindas, incessante e até a morte, assim, de acordo com Frota

(2006, p.53): “(...) qualquer estágio do desenvolvimento é alcançado e perdido inúmeras vezes. Por isso, em qualquer momento da vida, o indivíduo pode reviver períodos vividos, ou lançar-se para o futuro”.

Outro aspecto característico desta fase é à busca do adolescente por descobrir-se, sempre testando a segurança que o ambiente pode lhe proporcionar. Estes impulsos tornam evidente a demanda de cuidado, de interdito e resistência que precisa ser ofertada ao indivíduo pelo meio existencial (FROTA, 2006).

Posteriormente, com o desenrolar do desenvolvimento emocional, o jovem passará a amar aquilo que resistiu aos seus impulsos destrutivos. Mas, todo este processo demanda muito dos pais na tarefa da maternagem, lhes cabe à compreensão de que todos estes atos de rebeldia são sinais da liberdade que gradualmente é concedida, e do amadurecimento que o indivíduo vai conquistando a partir de uma provisão suficientemente boa (FROTA, 2006). É importante frisar que a independência completa nunca será alcançada, o que difere esta fase das anteriores é o nível de dependência do ambiente, onde o indivíduo passa da sujeição a uma relação de interdependência (EMMERICH, 2017). De acordo com Dias (2003):

Um aspecto central da confiabilidade do ambiente consiste em manter sempre aberta à possibilidade de retomo, necessidade que dura para sempre, a criança maior, o adolescente, o jovem e adulto sadios conservam várias imaturidades para as quais voltar, seja por divertimento ou num período de necessidade, seja em secretas experiências auto-eróticas. (DIAS, 2003, p.231)

Diante de sua produção teórica é notável a importância que Winnicott confere à relação estabelecida entre a díade mãe-bebê, e isso se deve em grande parte ao fato da presença materna ter caráter primordial nestes momentos iniciais da vida do bebê, uma vez que, sua presença compõe o ambiente que permite ao bebê prosseguir seu desenvolvimento. E, por isso, a figura da mãe, ou do cuidador, deve ser vista como “mãe-ambiente”, cuja função é de representar o primeiro elemento da realidade externa, que é apresentado à criança em pequenas doses. Mas, ainda que o pai se apresente como figura secundária nestes estágios precoces, para Winnicott isto não retira a importância de sua função e lugar na composição do ambiente do bebê junto à mãe, Nessa perspectiva, no capítulo seguinte serão discutidos os aspectos envolvidos na questão da função paterna segundo a abordagem winnicottiana.

#### 4. O PAI NA PSICANÁLISE DE D.W. WINNICOTT

Segundo Batagliesse (2011), apesar de haver várias referências diretas à função paterna na obra winnicottiana, elas estão dispersas em sua obra. Além disso, há uma gama de textos de Winnicott em que determinados aspectos podem ser interpretados como referentes à função paterna, mas não estão diretamente apontados como tais, o que dificulta a tarefa dos pesquisadores em reconhecer em sua obra a existência de um pensamento teórico específico a respeito do pai. Também existem vários escritos que se referem às relações triangulares, logo, concluí-se que há um terceiro, que tradicionalmente é a figura do pai que, por ter uma relação íntima com a mãe exerce influências sobre o relacionamento dela com a criança.

Como já discutido, em toda sua obra, Winnicott sempre enfatizou a influência do ambiente dentro de todo o processo de maturação da criança, conseqüentemente, isso o fez se dedicar de forma intensa à díade mãe-bebê, uma vez que a mãe se configura em um primeiro momento como o ambiente da criança. Assim, a valorização que o autor atribui às fases pré-edípicas acabam por descentralizar o complexo de Édipo dentro do processo de desenvolvimento e formação do sujeito, o que veio a acarretar diversas interpretações, inclusive as que atribuem a sua obra uma suposta indiferença em relação à figura paterna. Tal posicionamento pode ser constatado neste trecho apresentado por Phillips (1988/2007):

Em sua obra teórica, como veremos, ele abandonaria a figura do pai e a substituiria por uma fascinação pela criança e suas mães. Não é o pai que interessa a Winnicott como figura de interposição entre a mãe e a criança com o intuito de separá-las, mas sim um espaço transicional do qual o pai simplesmente não faz parte e que inicialmente tanto une quanto separa o bebê de sua mãe (Phillips, 2007 [p. 54]).

Não obstante a ênfase que o autor dá à provisão materna, ele não deixou de abordar a figura paterna, o que fica mais evidente em “What about Father?” (1964), o texto winnicottiano mais conhecido sobre o pai. Assim, mesmo diante de todas estas particularidades de sua obra, Winnicott a partir da teoria do amadurecimento

pessoal, vai tecendo considerações sobre como o papel do pai vai se alterando em suas diferentes etapas, o que gera implicações clínicas de grande importância.

Em seus primeiros textos da década de 30, Winnicott descreveu alguns casos pediátricos atendidos ainda na década de 20 a partir de uma abordagem psicanalítica, apontando conflitos inconscientes como a causa de distúrbios físicos, porém, não renunciava a importância dos fatores ambientais na etiologia do problema (Dias, 2003).

Segundo Dias (2003, p.59), em 1967, ao apresentar aos seus colegas da Sociedade Britânica de Psicanálise uma retrospectiva de seu percurso intelectual:

(...) Winnicott refere-se à posição característica da psicanálise tradicional de enfatizar os fatores internos e negligenciar os aspectos ambientais; diz que, durante dez ou quinze anos, os psicanalistas eram os únicos que aceitavam a existência de qualquer coisa que não fosse o ambiente e que, enquanto todo mundo clamava que a delinquência de um dado garoto devia-se ao fato de o pai ser alcoólatra etc., os psicanalistas continuavam a atribuir os problemas a constituição e a pesquisar os conflitos internos.

Para além da função paterna tida a partir da realidade interna do sujeito, segundo a psicanálise tradicional, o autor traz a tona outros elementos, como o papel do pai enquanto pessoa real, sua participação na vida da criança, a qualidade da presença, entre outros aspectos até então desconsiderados pela psicanálise tradicional, que exercem enorme importância durante toda a vida da criança, desde o momento da concepção, passando pelas fases iniciais, quando o pai em conjunto com a mãe, formam o ambiente total no qual o bebê habita, acompanhando todas as fases posteriores (concernimento, vida familiar, relações triangulares com base genetal, adolescência etc.) do amadurecimento humano (FULGENCIO, 2007). De acordo com Fulgencio (2007, p.21):

Winnicott, ao afirmar a importância do ambiente, redimensiona, sem negar, o valor dado à realidade interna, principalmente nas fases iniciais quando a diferenciação entre interno e externo não faz muito sentido. A noção de ambiente para Winnicott considera a ação real dos pais no cuidado com a criança. É assim, para o autor, no momento edípico, por exemplo, que o pai não se restringe a ser rival que, na fantasia do menino, ameaça sua integridade. O pai também é um homem real que, não se enquadrando nas projeções do filho, pode tomá-lo e nos braços, sobrevivendo aos seus ataques com compreensão e acolhimento, ajudá-lo a discriminar entre as fantasias e a realidade externa.

Assim, para a teoria Winnicotiana, o complexo de Édipo deixa de ser o elemento constitutivo do psiquismo do sujeito para ser mais uma das etapas de seu processo de amadurecimento, o que demonstra a necessidade da revisão do lugar da função paterna dentro de sua teoria. Diante destas considerações fica evidente a importância do desenvolvimento de pesquisas voltadas para a melhor compreensão e aprofundamento do tema função paterna em Winnicott, preenchendo uma lacuna existente nos estudos da obra do autor.

#### **4.1. O pai no estágio de dependência absoluta**

O fio condutor da teoria de desenvolvimento emocional de Winnicott é sem dúvida a tendência à integração, que se orienta sob a premissa de que somente aquilo que é experienciado pode ser integrado como parte de si mesmo (FULGENCIO, 2007). Tal proposição demonstra a primazia dos aspectos relacionais no processo de amadurecimento pessoal, e no que se refere à fase de dependência absoluta o foco está na relação estabelecida entre a díade mãe-bebê. Nestes primeiros meses de vida do bebê a mãe certamente é uma figura essencial por ser a principal responsável pelos cuidados com a criança, enquanto o pai aparece como figura secundária (LÉON, 2013).

Contudo, para Winnicott a presença do pai também apresenta grande importância nesta fase. O pai neste momento cumpre a função de suporte ambiental necessário para o livre desenrolar da relação entre mãe e filho, o que conseqüentemente possibilitará a criança prosseguir de maneira bem sucedida em seu desenvolvimento (Dias, 2003). Sobre essa questão Fulgencio (2007) adverte:

(...) nas formulações de Winnicott, está contida a ideia de que a mãe e o pai, juntos, compõem o ambiente (total) que o bebê precisa encontrar para amadurecer, ainda que o lugar do pai não seja o mesmo da mãe na relação direta com o bebê. (p. 66)

Neste momento inicial da vida do bebê, como já visto, a mãe assume grande responsabilidade e dedicação exclusiva à criança, e a possibilidade de contar com a presença e ajuda do pai faz grande diferença. Deste modo, quando o pai oferece à mãe o suporte ambiental necessário para que ela possa se entregar à preocupação



materna primária ele está operando como holding para a mãe (FULGÊNCIO, 2007). De acordo com Dias (2003):

(...) as mulheres que acabam de ter os seus bebês encontram-se, elas mesmas, necessariamente, em estado de dependência. É possível dizer até que as mães são tão desamparadas em relação ao desamparo do bebê quanto ele próprio. Para desempenhar bem a sua tarefa, ela necessita sentir-se amada na sua relação com o pai da criança, e aceita nos círculos familiares assim como nos mais amplos, que constituem a sociedade (p.138 apud WINNICOTT, 1958, p. 13).

Portanto, para Winnicott a função paterna nesta fase está voltada para a manutenção e proteção da díade mãe-bebê. Para que a mãe tenha condições de oferecer um ambiente suficientemente bom ao bebê o pai precisa estar presente e provido de iniciativa e disponibilidade. Neste sentido, Fulgencio (2007, p.40) ressalta: “logicamente a qualidade do colo que a mãe oferece ao bebê também é afetada pela sustentação que o pai dá ou não a ela”.

A partir desta constatação, Winnicott observa que muitas das demandas que se apresentam na clínica relacionadas à revivência e a correção transferencial surgem em virtude da ausência do pai real no ambiente, seja por negligência no cuidado da díade mãe-bebê ou por falecimento (WINNICOTT, 1969). De acordo com o autor “Se o pai não se encontra lá, o bebê tem de fazer o mesmo desenvolvimento, mas de modo mais árduo, ou utilizando algum outro relacionamento que seja bastante estável com uma pessoa total” (WINNICOTT, 1969, p.188).

Outro aspecto ligado à função paterna neste momento é a atuação do pai como uma extensão da figura da mãe, uma vez que o homem também pode dispensar seus cuidados ao bebê (SCAGLIA, 2012). Sobre esta temática, não raramente é possível observar homens com grande habilidade para a maternagem, habilidade esta que dentre outros aspectos surge da experiência de ter sido cuidado por uma mãe. Ao tratar sobre este tema Winnicott ressalta que é necessária uma atitude da mãe que permita ao pai desenvolver uma relação de proximidade com a criança e desempenhar tais cuidados (LÉON, 2013).

Para Fulgencio (2007, p. 51 apud WINNICOTT, 1955, p.451): “(...) nesse momento o que importa é o cuidado materno do pai: O pai participa (dos cuidados

com o bebê) indiretamente como marido e diretamente enquanto mãe-substituta”. Assim, nesta fase precoce da vida do bebê o pai não exerce qualquer papel que tenha origem no masculino, a relação estabelecida se dá por meio da atuação como mãe substituta (FULGENCIO, 2007).

Desta maneira, é fundamental que tais cuidados realizados pelo pai se assemelhem aos maternos, isto porque qualquer coisa que se distancie do repertório de cuidados realizados pela mãe pode ser tomado pelo bebê como invasivo e prejudicar seu desenvolvimento emocional (BATTAGLIESE, 2011). Ainda sobre a atuação do pai como mãe substituta, Winnicott (1957) chama atenção para um outro aspecto importante, ou seja, o autor expõe que embora seja desejável que o pai consiga realizar cuidados ditos maternos, nenhuma figura pode ocupar o lugar da mãe.

Note-se também que neste momento da vida do bebê se está muito distante de uma triangularidade, pois o bebê ainda não é capaz de realizar a distinção de um mundo externo a ele, e muito menos o reconhecimento do outro como pessoa total. Sobre esta temática, Dias (2003) comenta:

O pai não existe ainda como pai, isto é, como terceiro, uma vez que o bebê não sabe nem mesmo da existência da mãe e só entra em contato com os cuidados que lhe são oferecidos. Não tendo ainda nem mesmo uma relação dual, o bebê pode ter muito menos uma relação triádica (p.139).

O que se observa, portanto, na fase de dependência absoluta é a necessidade do infante de manter um vínculo com uma pessoa que, com seu holding e manejo, irá, aos poucos, apresentando o mundo externo e favorecendo seu processo de desenvolvimento e de integração. Se for a mãe a figura que cumpre tais tarefas, cabe ao pai sustentar esse lugar, inclusive permitindo o desenvolvimento da preocupação materna primária, funcionando como o ambiente suficientemente bom para que tudo ocorra bem.

#### **4.2. O pai no estágio de dependência relativa**

A respeito do posicionamento de Winnicott sobre a função paterna na fase de dependência relativa, Fulgencio (2007) afirma:

Durante este período caberá ao pai vários papéis; ele continuará a sustentar a mãe; através desses cuidados ele também dará continuidade à tarefa de implantar nos ambiente os alicerces do sentido de família, segurança, estabilidade, firmeza, etc.; ele ajudar á sua mulher a recuperar-se do estado de preocupação materna primária chamando-a para si; e estando presente no ambiente, ele será para o bebê o primeiro modelo de integração. (p.72)

Neste momento do desenvolvimento emocional, caso tudo tenha ocorrido bem até aqui, se inicia um crescente processo de desadaptação da mãe às necessidades do bebê (FULGÊNCIO, 2007). Mas, para que tal processo se dê de maneira bem-sucedida é de extrema importância à presença do pai junto à mãe, para auxiliá-la no desligamento da unidade que ela própria vinha mantendo junto à criança, e trazê-la de volta a sua rotina pessoal e profissional.

Assim, durante esta fase o pai permanece em sua tarefa de apoio à figura da mãe, mas também desenvolve outras funções fundamentais. Sobre esta temática, Battagliesse (2011, p.19) ressalta: “Nesse contexto, o pai deve lembrar a mãe de que ela ainda é sua esposa, de que ela tem uma sexualidade. Palavras carinhosas, a troca de confidências e suporte às questões quotidianas, além da relação sexual em si, vão lembrando à mulher quem ela era antes de seu bebê”.

Ao atuar como um vetor que retira a mãe da relação fusional com o bebê o pai cria o contexto favorável para surgir às primeiras falhas da provisão materna. Tais falhas farão com que a ilusão de onipotência criada pelo bebê na fase anterior comece a operar de forma relativa, isto ocorre porque são estas falhas as responsáveis pelos primeiros contatos da criança com a realidade objetiva. É a partir destas vivências que o bebê experimenta a desilusão de perceber que não vive somente em seu mundo subjetivo (DIAS, 2003). Este é o marco de introdução do bebê no espaço transicional, onde elementos do mundo subjetivo estão mesclados aos elementos da realidade objetiva, se constituindo como símbolo da confiança estabelecida entre mãe.

A apresentação da realidade objetiva ao bebê deve ser conduzida, como já assinalado, de forma gradual, pois o mundo tem de ser apresentado progressivamente à criança, ou como Winnicott costumava dizer em “pequenas doses”. Entre os aspectos envolvidos na desilusão do bebê em seu contato com a realidade objetiva está o desmame (DIAS, 2003). A princípio a mãe estabelece os horários das mamadas, não atendendo o bebê a todo o momento. Com o decorrer

do desenvolvimento da criança e a introdução de novos alimentos a mãe vai progressivamente aumentando os intervalos entre as mamadas até que se chegue ao desmame.

Porém, do ponto de vista materno este é um momento bastante delicado, pois a mãe tem de abrir mão da parcela de prazer envolvida no ato da amamentação e do controle que vinha exercendo sobre o filho desde os momentos precoces, daí a importância da presença do pai atuando como vetor que retira a mãe da díade estabelecida com o bebê desde a fase anterior (BATTAGLIESE, 2011).

Dando prosseguimento a esta discussão, outro ponto importante sobre o pai nesta fase é o início da diferenciação dos aspectos paternos. Características como rigor, força, determinação, começam a serem notadas pelo bebê, mas neste momento ainda são associadas à mãe (FULGENCIO, 2007).

Tais características irão compor a futura relação com o pai, que terá início quando a criança estiver vivenciando as questões relacionadas ao estágio de concernimento. De acordo com Fulgencio (2007, p.77-78): “Aos poucos a criança terá condições de discriminar essas diversas características da mãe e atribuirá à figura masculina do pai a maioria dos aspectos da mãe que estão relacionados à firmeza, solidez, força, rigor, etc”.

Nesse sentido, é interessante sublinhar que o bebê à medida que se separa da mãe e do ambiente total começa a reunir na figura do pai características que anteriormente se localizavam na mãe. Desta maneira, à medida que o bebê amadurece a presença paterna vai ganhando consistência (WINNICOTT, 1957).

Outro aspecto a ser observado em relação à função paterna nesta fase é o pai como primeiro vislumbre de uma pessoa total. De acordo com Dias (2003):

(...) um certo elemento paterno acaba se inserindo na constituição do si-mesmo do bebê: da perspectiva da criança, o pai é vivido “como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível”. Esse elemento colabora para o sentimento de segurança do lar e para o estabelecimento do significado do que seja família para uma criança particular. Naturalmente, a maneira como a criança usa ou não esse pai é determinada pelos modos de ser deste. (p.140 apud WINNICOTT, 1986, p.104)

Portanto, para Winnicott nesta fase do desenvolvimento emocional o pai já começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e em alguns

momentos percebido enquanto pessoa total, mas não se trata de algo constituído para criança nesta fase, funcionando de maneira análoga aos insights (BATTAGLIESE, 2011). Nas palavras de Dias (2003):

(...) independentemente de o pai haver ou não substituído à mãe, em algum momento ele aparece, para o bebê, como o primeiro vislumbre de inteireza e totalidade pessoal, e, deste modo, é usado como padrão da sua própria integração. (p.140)

Deste modo, muito antes da triangulação edípica, Winnicott tem o pai como figura fundamental na constituição do “Eu Sou”. Este processo de construção da identidade unitária, que se inicia na separação da díade mãe-bebê e segue até a diferenciação entre o eu e o não-eu compreende o estágio do uso dos objetos. Assim, pode-se concluir que para Winnicott o pai se apresenta como fundamental na constituição do sujeito já nos momentos iniciais de vida. Winnicott (1969), em seu texto “Moisés e o Monoteísmo” adverte:

É fácil fazer a presunção de que, como a mãe começa como objeto parcial ou uma aglomeração de objetos parciais, o pai vem a ser apreendido pelo ego da mesma maneira. Mas eu sugiro que, num caso favorável, o pai começa como totalidade (isto é, como pai, não como substituto materno) e mais tarde se torna dotado de um importante objeto parcial, que ele começa como algo integral na organização do ego e na conceptualização mental do bebê. (p.188-189)

Para Fulgencio (2007), Winnicott ao trazer a questão da função paterna para o estágio do uso dos objetos dá outro sentido ao monoteísmo de Freud. O último tem o pai representado por um Deus idealizado, poderoso, representante da lei que serve para a repressão das pulsões libidinais e agressivas que se dirigem a ele. Em Winnicott (1969), este pai compõe o ambiente em que o bebê amadurece, um bebê que ainda depende relativamente da sustentação das figuras parentais, e que para alcançar o estatuto de unidade demanda da ajuda do pai.

A partir destas ponderações pode-se observar que para Winnicott, o pai muito antes de surgir como o interventor representante da lei serve de modelo de integração, antecipando o indivíduo unitário (FULGÊNCIO, 2007). Assim, diferente

da psicanálise tradicional que localiza o marco da função paterna na triangulação edípica, Winnicott traz a importância da função paterna para momentos anteriores, nos estágios precoces.

Por fim, como último aspecto ligado à função paterna nesta fase, Winnicott apresenta o dizer “não” como o primeiro sinal do pai. De acordo com Fulgencio (2007), Winnicott ao se dedicar a este tema traz o percurso pelo qual o “não” se introduz na vida da criança. Tal percurso é descrito em três etapas, e serve à criança como mais uma forma de acesso aos aspectos paternos.

Na primeira etapa o “não” surge para a criança a partir da mãe que, em uma postura protetora se utiliza da negativa como meio de prevenção contra acidentes e coisas imprevistas. Desta forma, o “não” é dito para o mundo (BATTAGLIESE, 2011). Em seguida, na segunda etapa, já não se trata mais de um “não” ao mundo; o “não” agora é dito para criança, uma vez que, a mãe começa a estabelecer limites ao bebê como dormir no berço, os horários das mamadas, entre outras situações que imprimem uma certa moralidade da mãe que coloca o bebê em contato com a realidade exterior (FULGÊNCIO, 2007). Enfim, na terceira etapa, a criança já apresenta alguma compreensão da realidade externa e é capaz de questionar os pais e as demais pessoas que compõem seu ambiente, e este é o momento em que o “não” passa a compor a moral pessoal da criança.

De acordo com Battagliese (2011), ao fim da descrição dessas três etapas Winnicott elucida de que forma a função paterna está envolvida neste percurso. Para o autor, a mãe quando diz “não” à criança traz aspectos de ordem e firmeza para seus cuidados com a criança, e este é o primeiro sinal do pai que aparece no horizonte do bebê através do rigor da mãe. Segundo Fulgencio (2007):

Gradualmente, e com sorte, este princípio do “não” passa a estar consubstanciado no próprio homem, o Papai, que passa a ser amado e poderá aplicar a ocasional palmada sem perder nada. Mas ele tem de merecer esse direito, deverá fazer coisas como ter uma presença assídua no lar e não estar do lado da criança contra a mãe. (p. 87 apud WINNICOTT, 1993, p.44).

Desta maneira, a introdução dos aspectos paternos através do “não” da mãe é fundamental para a entrada do bebê nas relações objetais, que lhe permitiram

seguir rumo à constituição do “Eu Sou” e a constituição do eu e o não-eu, tornando-a capaz de se relacionar com o mundo externo (FULGÊNCIO, 2007).

### **4.3. O pai no estágio de Concern (O preocupar-se)**

Este é o estágio do desenvolvimento infantil em que a criança desenvolve a capacidade de se preocupar e estar implicada no relacionamento com o outro enquanto pessoa total, e está incluído na fase de dependência relativa. Mas, no período inicial do desenvolvimento o bebê ainda não alcançou a conquista da integração, e mantém com a mãe uma relação dual. De acordo com Winnicott (1984, p.144): “A integração é uma palavra que cabe aqui, se podemos conceber uma pessoa plenamente integrada, então esta pessoa assume plena responsabilidade por todos sentimentos e idéias que acompanham o estar vivo.” Portanto, neste momento inicial do concern o bebê não tem qualquer condição de se responsabilizar por seus impulsos instintuais.

Entretanto, diante de um estado de grande excitação produto das pulsões intintuais, o bebê investe contra a figura da mãe com puxões, mordidas, entre outras atitudes hostis sem apresentar qualquer preocupação em relação às consequências de suas atitudes. A esse respeito, Winnicott (1957) afirma:

Podemos compreender que essas primeiras pancadas infantis levam a descoberta do mundo que não é o eu da criança e ao começo de uma relação com objetos externos. O que muito em breve será o comportamento agressivo não passa, portanto, no início, de um simples impulso que desencadeia um movimento e aos primeiros passos de uma exploração. A agressão esta sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento de uma distinção entre o que é e o que não é o eu. (p.264)

Esta exploração do mundo prossegue até que o bebê alcance seu sentido de unidade, este é o ponto em que ele começa a estabelecer relações com pessoas totais e começa a reconhecer que a mãe que tanto ama é a mesma mãe objeto de seus impulsos destrutivos, e é neste momento ela inicia o concern ou o preocupar-se (FULGÊNCIO, 2007). Assim, a grande tarefa que se apresenta à criança nesta fase é a conquista da integração que lhe permitirá a descoberta de que é capaz de amar

e odiar o mesmo objeto (BATTAGLIESE, 2011). Esta descoberta implica no surgimento de uma preocupação no bebê, que em seu aspecto negativo se apresenta através dos sentimentos de culpa e medo da perda do objeto amado, a mãe. De acordo com Winnicott (1988, p.97): “A preocupação com o objeto amado surge a partir dos elementos agressivos, destrutivos e vorazes no impulso de amor primitivo, que é gradualmente assimilado ao self como um todo (juntando-se à personalidade no decorrer do tempo)”. Sobre isso, Winnicott (1957) assinala:

No processo de integração, os impulsos para atacar e destruir e os impulsos para dar e compartilhar estão relacionados, atenuando uns os efeitos dos outros. O treino coercitivo não utiliza esse processo integrador da criança. O que estou aqui descrevendo é de fato a gradual formação na criança de uma capacidade para adquirir o sentido de responsabilidade, o qual, na sua base, é um sentido de culpa. O fator essencial, no meio ambiente, é a presença contínua da mãe ou da figura materna durante o período de tempo em que a criança está acondicionando a destrutividade que faz parte integrante da sua compleição. Essa destrutividade torna-se cada vez mais uma característica na experiência das relações objetais, e a fase de desenvolvimento a que me refiro dura entre os seis meses a dois anos, após o que a criança pode realizar uma fusão satisfatória da idéia de destruição do objeto com o fato de amar esse mesmo objeto. (p.108)

Desta maneira, é importante ressaltar, que para a criança chegue ao “preocupar-se” é fundamental que a mãe resista aos seus impulsos destrutivos, ou como o próprio Winnicott diz “sobreviva aos seus ataques”. Quando o autor se refere à sobrevivência da mãe ele está se referindo à sua capacidade de permanência frente aos impulsos destrutivos da criança, de forma que esta última consiga desenvolver os mecanismos de dano-reparação. A esse respeito, Winnicott (1957) afirma:

A mãe é necessária durante esse tempo todo, por causa do seu valor de sobrevivência. Ela é uma mãe-ambiente e, ao mesmo tempo, uma mãe-objeto, o objeto do amor excitado. A criança acaba por integrar esses dois aspectos da mãe e por ficar apta a amar e a afeiçoar-se à mãe, simultaneamente. Isso envolve a criança numa espécie particular de angústia, que se denomina sentimento de culpa. A criança torna-se gradativamente apta a tolerar o sentimento de angústia (culpa) a respeito dos elementos destrutivos nas experiências instintivas, porque sabe que haverá uma oportunidade de recompensar e reconstruir. (p.108)



Note-se que a repetição das investidas agressivas fará o bebê iniciar um círculo benigno em que se apropria de seu potencial, tanto destrutivo quanto reparador que garantirá a preservação de sua impulsividade (Battagliese, 2011). Outro aspecto envolvido na repetição destes ciclos de ataque e reparação é o desenvolvimento de uma noção de temporalidade, pois desta maneira a partir da sobrevivência da mãe frente aos ataques do bebê este último pode sentir que ao atacar o objeto amado ele sobrevive e continua o amando.

Como se pode observar nos aspectos levantados até aqui, as boas experiências e a sustentação oferecidas pelo holding dispensado à criança nos estágios precoces fazem surgir nela a capacidade de confiar no ambiente, e, desta forma, ao agir de modo agressivo a criança sabe através de vivências anteriores que terá a oportunidade de reparar o ato (BATTAGLIESE, 2011). Tal conquista é fundamental para que a criança possa lidar futuramente com as demandas morais que lhe serão impostas pela cultura. Portanto, para Winnicott a moralidade surge a partir de uma experiência interna, que aos poucos vai se articulando com as demandas externas. Segundo Fulgencio (2007):

Na obra de Winnicott, a moralidade não é, essencialmente, da ordem da lei, não se assenta no peso da interdição nem da obediência ou do medo do castigo; ela não se institui como resultado de uma repressão bem sucedida, mas pela experiência de cuidado e da capacidade de identificação entre pessoas humanas; envolve responsabilidade, que só pode ser conquistada mediante experiências pessoais de respeito e pela capacidade, adquirida ao longo dos estágios iniciais, e na vida, de se colocar no lugar do outro. (p.96-97)

Entretanto, para que essa consciência moral se desenvolva na criança há a necessidade de uma imposição de limites mais claros às suas investidas agressivas, é nesse momento surge a intervenção paterna para regular as atitudes da criança em relação à mãe, e, desta maneira, protegê-la dos ataques da criança. De acordo com Dias (2003), o pai surge neste estágio por volta da segunda metade da elaboração do concernimento, e sua primeira intervenção é proteger a mãe dos impulsos destrutivos da criança, que neste momento se configura como objeto de amor do pai. De acordo com Dias (2003):

A presença de um pai forte, interventor, que fornece esse tipo de segurança, torna as ideias e ações instintuais mais seguras, permitindo a criança correr o risco de movimentar-se, agir e se excitar, já que o pai está por perto, preparado para remendar os estragos ou para impedir, com sua força, que eles aconteçam. O pai torna-se o apoio necessário para a busca de satisfação instintual sem muito perigo. (p.268)

Para Fulgencio (2003), este é o momento em que o pai surge como terceiro na vida da criança, um prelúdio de uma relação triangular, mas neste momento esta intervenção está muito mais vinculada a uma necessidade da criança, do que a uma atuação paterna dentro do romance familiar. Deste modo, por mais que a criança busque a elaboração da ambivalência envolvida em suas relações amorosas, ela ainda tem a necessidade da presença de uma figura que reúna aspectos como rigor e força, que lhe diga o momento de parar, de forma que ela possa prosseguir na experimentação de seus impulsos (FULGÊNCIO, 2007).

Fulgencio (2007, p.93) ainda assinala que o auge das conquistas do concernimento ocorre por volta dos dois anos e meio de idade, e não se consolidam antes dos cinco anos, momento que coincide com a fase fálica proposta por Freud, o que pode demonstrar uma relação entre a descoberta do pai enquanto pessoa total, e a percepção da diferença entre os sexos, marco de entrada na fase fálica freudiana (BATTAGLIESE, 2011). Sobre este tema Dias (2003) comenta:

Ao perceber o pai como terceiro, vislumbrando a existência do triângulo familiar, a criança começa a perceber, ou a imaginar, a relação excitante que existe entre os pais, e isto é essencial para a estabilidade do indivíduo por permitir que comece a existir o sonho de tomar o lugar de um dos pais. Num certo momento, opera-se uma alteração em sua percepção do triângulo: é ela que é a terceira. É esta descoberta — a percepção do triângulo com a criança do vértice — que Winnicott denomina “cena primária”. Se a criança está sadia, ela é capaz de lidar com a raiva que provém desta nova consciência, e aproveitá-la para a masturbação, assumindo a responsabilidade pelas fantasias conscientes e inconscientes que a acompanham. (p.267)

#### 4.4. O pai no Complexo de Édipo

Para Winnicott, uma das maiores contribuições de Freud foi a elaboração conceitual do complexo de Édipo. Sobre os esforços de Freud, o autor acrescenta:

Na análise de adultos, Freud conclui que os fundamentos da vida sexual e das dificuldades sexuais remontavam à adolescência e à infância, especialmente no período entre os dois e cinco anos de idade. Verificou existir uma situação triangular que não podia ser descrita senão dizendo que o menino tinha amor pela mãe e estava em conflito com o pai como rival sexual. O elemento sexual foi demonstrado pelo fato de tais coisas não aconteceriam unicamente em fantasia; havia acompanhamentos físicos, ereções, fases de excitação com clímax, impulsos homicidas e um terror específico: o medo da castração. Este tema central foi destacado como complexo de Édipo, permanecendo ainda hoje como um fato central, infinitamente elaborado e modificado, mas irrefutável. A psicologia que fosse elaborada na omissão desse tema central estaria condenada ao fracasso e, portanto, não há como evitar a nossa gratidão a Freud por seguir avante e proclamar o que repetidamente averiguara, suportando o choque da reação pública. (WINNICOTT, 1957, p.167-168)

Desta maneira, Winnicott tem a existência do complexo de Édipo como algo indiscutível. Entretanto, por ter sua teoria do desenvolvimento emocional baseada na tendência inata à integração, o autor tem uma leitura diferente sobre a importância do referido fenômeno. Winnicott entende esta como mais uma conquista do desenvolvimento emocional, o que retira a centralidade do complexo de Édipo na constituição da vida psíquica. Sobre este tema, Winnicott (1957, p, 168) afirma: “Se o fato central do complexo de Édipo for aceito, é imediatamente possível e desejável examinar os aspectos em que o conceito é inadequado ou impreciso como diretriz para a Psicologia Infantil”.

De acordo com Fulgencio (2007), Winnicott vê os conflitos vivenciados na fase Edípica como fases do processo de amadurecimento pessoal, o que incorre na necessidade de serem pessoalmente experienciados para posterior integração à vida do indivíduo. Segundo Fulgencio (2007):

(...) muita coisa precisa ocorrer, muitas conquistas básicas devem ser realizadas, para que o indivíduo humano chegue a vivenciar um conflito de tipo edípico, que supõe um grande amadurecimento

peçoal. (...) as tarefas básicas do amadurecimento não são de caráter instintual, mas pertencem à necessidade de ser e de chegar a existir como uma unidade (p.45).

Sobre a aplicação do termo complexo de Édipo aos momentos anteriores a capacidade da criança de perceber os envolvidos na cena triangular como pessoas totais, Winnicott comenta:

(...) Não posso ver nenhum valor na utilização do termo “Complexo de Édipo” quando um ou mais de um dos três que formam o triângulo é um objeto parcial. No Complexo de Édipo, ao menos do meu ponto de vista, cada um dos componentes do triângulo é uma pessoa total, não apenas para o observador, mas especialmente para a própria criança. Desta forma, o termo “Complexo de Édipo” possui um valor econômico na descrição da primeira relação interpessoal em que os instintos estão em vigor (1988, p.67).

Há situações em que a criança já alcançou a idade que Freud compreende como o período do Complexo de Édipo, mas ainda não amadureceu de maneira que possa compor a triangulação edípica (FULGENCIO, 2007). Assim, a entrada da criança nas questões edípicas demanda a conquista da identidade unitária, momento em que está pronta para experienciar à vida como uma pessoa inteira, total, capaz de lidar com as relações interpessoais envolvidas no complexo de Édipo, que a farão experimentar vários sentimentos em virtude de sua vida instintual (DIAS, 2003). Somente ao alcançar este nível de maturidade a criança será capaz de perceber os vários papéis que compõem a sua família e o lugar que cada um ocupa dentro da dinâmica familiar.

Concebendo que a criança está pronta para esta nova etapa, neste momento ela começa a perceber que existe uma relação diferente entre o pai e a mãe, que apresenta interesse recíproco de caráter amoroso e excitante. A partir destas constatações, ela se dá conta de que não faz parte desta relação, e frente a esses fatos começa a ser objeto de angústias oriundas de um sentimento de exclusão. E a partir de sua elaboração imaginativa a criança dá início a uma série de fantasias agressivas, que envolvem os sentimentos de ódio e vingança. Segundo Fulgencio (2007):

É exatamente esse dado da realidade – a existência do casal parental unido amorosa e eroticamente – que fornece a criança um

ponto de referencia e de estabilidade em relação ao qual ela poderá enfrentar e experimentar todos os sentimentos e impulsos que dizem respeito as relações triangulares e/ou edípicas. (p.106)

O movimento seguinte da criança nesta cena é se reconhecer nos pais, e fazer correspondências em si mesma dessas relações que envolvem excitação e clímax que ela observa no relacionamento amoroso das figuras parentais. Para Winnicott, mesmo quando os pais já não mantêm uma relação de proximidade, ou um relacionamento conjugal, isso não os exime de seus papéis junto a criança, pois para o autor é necessário que eles consigam manter uma estrutura familiar, mesmo que esta se apresente em diferentes configurações (Fulgencio, 2007).

É extremamente necessário que a criança tenha um ambiente que lhe ofereça a segurança, firmeza, e limites necessários para que ela prossiga no seu processo de elaboração da sexualidade de seus pais, e por consequência de sua própria sexualidade e desejos. De acordo com Fulgencio (2007, p.113): "o pai é significativo pelo fato de, como integrante da família, realizar ações a partir deste lugar e, não somente por representar para criança um terceiro que exerce a função de interventor sexual ou objeto de desejo".

Assim, é importante que os pais auxiliem a criança a discriminar as fantasias dos fatos, pois quando estas não encontram algum dado da realidade com o qual se confrontar, podem criar defesas rígidas contra angústia, através da inibição dos instintos. Este auxílio dos pais mobiliza na criança um sentimento de relação de segurança, que tem sua origem na capacidade de confiar desenvolvida na fase anterior (Dias, 2003).

É importante frisar que, em boa parte, este sentimento de segurança se deve à presença do pai enquanto real, e aos aspectos paternos introduzidos na fase anterior, inicialmente pela figura da mãe e ao fim pelo pai, pessoa total. Desta forma, para Winnicott a presença real do pai na fase edípica é entendida como extremamente desejável (Dias, 2003). Fulgencio (2007) ressalta:

É pelo fato de o pai ser presente e confiável que, por exemplo, o menino pode experimentar odiá-lo e desejar destituí-lo, e é igualmente, por causa desta mesma confiança, que o pai pode fazer valer sua autoridade, elevar a voz, impedir cercar, discordar e brigar com a criança. Se não há o pré-requisito da confiança, todas estas importantes e necessárias intervenções paternas viram facilmente

experiências aterrorizantes que tomam conta da criança, deixam-na sem alternativa e danificam uma experiência de confronto que, a princípio, seria boa e poderia resultar em um amadurecimento pessoal. (p.111)

Outro aspecto ligado à importância da presença real paterna na fase edípica, é que esta presença oferece à criança a oportunidade de viver uma série de experimentações, que serão ser integradas à sua vida psíquica. Dentre essas vivências estão os conflitos relacionados à lealdade e deslealdade (DIAS, 2003).

Segundo Fulgencio (2007), a criança nesta fase segue em um vai e vem, hora recorre à mãe, hora recorre ao pai de forma a introduzir algumas situações de desacordo entre o casal e essas situações naturalmente envolvem sentimentos de ciúme e deslealdade. Sobre este tema, Dias (2003, p.274) comenta:

Após a percepção do triângulo familiar, a criança começa a ter problemas de lealdade. Ela ainda é inexperiente nos afetos, sobretudo os que envolvem o relacionamento a três, e precisa de uma situação em que possa encontrar tolerância em relação ao que pode parecer deslealdade, mas é, apenas, uma experimentação que faz parte do seu desenvolvimento. Ela começa, por exemplo, a estabelecer um relacionamento com o pai e, ao fazê-lo, ganha uma nova perspectiva; passa a ver as coisas do ponto de vista paterno e desenvolve, com isto, uma nova atitude com relação à mãe. (p.274)

Esta nova atitude em relação à figura materna que Dias (2003) se refere surge a partir da observação da mãe de modo objetivo a partir de onde o pai está. Desta forma o pai oferece a criança uma nova perspectiva da mãe. Sem a presença real paterna a criança terá de realizar sozinha o esforço de se afastar da mãe, o que pode produzir uma dificuldade na elaboração da situação edípica. No texto "What about father?", Winnicott expõe a importância da presença viva do pai junto à criança:

Uma das coisas que o pai faz pelos seus filhos é estar vivo e continuar vivo durante seus primeiros anos das crianças. O valor desse simples ato é suscetível de ser esquecido. Embora seja natural que os filhos idealizem seus pais, é também muito valioso, para os primeiros, ter a experiência de conviver com eles e de conhecê-los como seres humanos, até o ponto de os descobrirem. (WINNICOTT, 1957, P.131)

Mais um aspecto ligado à função paterna na triangulação edípica é a ação do pai como interventor. Para Winnicott o pai já vinha atuando como interventor desde a fase do concernimento, mas esta intervenção estava ligada a uma necessidade de proteção da mãe frente aos impulsos destrutivos da criança. Entretanto, na relação triangular esta função está ligada à interdição de um desejo sexual da criança em relação à figura parental do sexo oposto. Assim, neste momento, vislumbra-se a função de “dizer não” da figura paterna (BATTAGLIESE, 2011).

Winnicott ainda aponta outra função da intervenção paterna. Para o autor tal intervenção serve ainda para impedir a criança ir de encontro à sua própria impotência, pois embora apresente um desejo sexual nutrido pela figura parental do sexo oposto, a criança se encontra em um estado de imaturidade. Desta maneira a presença do pai, causadora da angústia de castração, é extremamente benéfica. Nesse sentido, Dias (2003) comenta:

O ponto central aqui — e este é um dos aspectos que presidem a redescritção de Winnicott com relação aos temas do Édipo e da angústia de castração — é que a criança tem de se haver com a impotência. Isto leva a que, desse ponto de vista, a presença de um pai interventor traz um grande alívio; o medo à castração pelo genitor rival toma-se uma alternativa bem-vinda para a agonia da impotência (p.288).

Este confronto que ocorre na situação edípica é gerador de muita angústia para criança, e, por isso, é fundamental que ela encontre no ambiente familiar a experiência de continuidade necessária para que suportar e relativizar estes sentimentos. Sobre este tema, Fulgencio (2007) comenta:

Sem a situação real da estrutura familiar, a criança terá, de qualquer forma, que lidar com seus desejos e fantasias com relação aos progenitores, mas, neste caso, as fantasias — de assassinato, de união amorosa, de geração de filhos — podem se tornar demasiadamente reais e assustadoras; vendo-se sem uma boa saída para as situações imaginadas ou vividas, a criança pode criar defesas inibitórias e rígidas contra a ansiedade ou ver-se muito confusa em relação ao lugar que ocupa. (p.109)

Por fim, a última função paterna a ser desenvolvida neste estágio é o “manejo paterno da ideia de potência” e a “potência real da criança”. Segundo Dias (2003), a criança ao acolher a castração paterna toma o pai como modelo identificatório. Assim, ao incorporar o pai que conhece, a criança acaba por estabelecer um acordo com ele, acordo este que implica na perda de parte da sua potência instintiva, abrindo mão do que vinha reivindicando. Mas, por outro lado a criança obtém uma potência por procuração, ou seja, uma potência adiada, a ser recuperada na puberdade (BATTAGLIESE, 2011). Dias (2003) aponta:

A questão central, na situação edípica redescrita por Winnicott, não é apenas a ameaça de castração, mas pela instauração da rivalidade, uma legitimação da potência da criança. Ou seja, há mais e outras ambivalências na situação edípica do que aquelas assinaladas pela teoria tradicional. (DIAS, 2003 p.289)

Para Winnicott, o confronto entre pai e filho referente à triangulação edípica não necessariamente envolve o ódio mortífero e o desejo de vingança. Existem situações em que a criança necessita passar pela experiência da rivalidade em condições confiáveis, que não necessariamente implicam no desejo de cometer parricídio (DIAS, 2003).

Assim, pelo exposto, entende-se que para Winnicott a figura e a função paterna cumprem inúmeras funções que devem ser consideradas vitais para o processo de desenvolvimento e de integração da criança. Embora, muito pouco reportado nos textos de alguns autores que aludem à teoria do desenvolvimento emocional winnicottiano, pôde-se verificar nesse trabalho que o psicanalista aqui estudado em nenhum momento negligenciou a discussão sobre a importância da figura do pai na constituição psíquica do sujeito. Pelo contrário, localizou inúmeras outras funções, para além da interdição do desejo incestuoso.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a exposição da trajetória da teorização de Winnicott sobre o pai ao longo do desenvolvimento emocional, fica evidente que este ocupa diferentes papéis em cada fase do amadurecimento pessoal, que só se tornam possíveis a partir da presença de um pai vivo e atuante.

No primeiro estágio, fase de dependência absoluta, o autor traz a descrição de um tempo primitivo, em que o bebê estabelece uma unidade com a mãe. Neste momento não há qualquer distinção entre o bebê e os elementos que compõem seu ambiente, uma vez que, ele neste momento não é capaz de reconhecer o outro enquanto pessoal total e nem distinto de si mesmo. Portanto, não há como apontar para os aspectos paternos nesta fase sem fazer referência ao ambiente. Nesse sentido, Winnicott traz nesse momento a função pai-ambiente, que tem papel fundamental na manutenção e proteção da díade mãe-bebê, provendo à mãe o “holding” necessário para que ela possa se entregar à preocupação materna primária.

No segundo estágio, referente à fase de dependência relativa, o autor traz a função paterna como vetor que retira a mãe da dita preocupação materna primária, agindo em favor da separação da díade mãe-bebê, flexibilizando o vínculo estabelecido entre mãe e filho de forma que tenha início entre eles o espaço potencial ou transicional, fonte da criatividade originária, fundamental à criança para a elaboração de suas vivências e mediação entre o mundo interno e externo.

Mais adiante, Winnicott traz o estágio de “concern”, momento em que o pai emerge para a criança enquanto pessoa total. Esta percepção que vinha sendo construída desde a fase de dependência relativa assume sua forma definitiva na segunda metade da elaboração do concernimento que, de acordo com o Dias (2003), oferece a criança à capacidade de reconhecer a cena triangular que ela compõe junto às figuras parentais, e perceber a diferença existente entre os sexos, aspectos fundamentais para a entrada na fase fálica.

Com a chegada da triangulação edípica, Winnicott ressalta os aspectos relacionados à presença do pai atuante na vida da criança, lhe estabelecendo limites às suas fantasias e impulsos instintuais, trazendo para essa fase aspectos de segurança e confiabilidade, ofertando a criança uma outra perspectiva sobre a figura da mãe, e realizando o manejo da potência que resulta no processo identificatório da

criança para com ele. A partir desta leitura da função paterna proposta por Winnicott é possível encontrar similaridades em Freud e Lacan em relação à questão do pai.

No que se refere a Freud, o ponto comum entre fundador do método psicanalítico e Winnicott é a concordância absoluta acerca da existência do complexo de Édipo, pois de acordo com o psicanalista inglês (1957, p.167-168), já citado, a atuação dos elementos sexuais do Édipo na constituição psíquica do indivíduo é algo irrefutável. E é isso o que faz com que Winnicott expresse grande gratidão a Freud por tal genialidade e resistência frente à opinião pública, em contexto tão conservador.

A respeito das similaridades entre Lacan e Winnicott, é possível citar a afirmação de Winnicott sobre a importância da presença paterna nos estágios anteriores à triangulação edípica para a constituição do “EU SOU”, que vai de encontro ao proposto por Lacan no primeiro tempo do Édipo, em que ele afirma que na etapa fálica primitiva a metáfora paterna já se encontra operando, uma vez que é representada por meio da primazia do falo em meio à cultura, embora o bebê ignore o símbolo do discurso e da lei. Cabe destacar que em Winnicott, na fase de dependência absoluta o ambiente (que inclui a mãe, o pai, e o mundo compartilhado no geral) já opera na vida do bebê, mesmo que ele não se dê conta disso. É por isso que o autor denomina a vivência de onipotência do infante nessa fase dependência de *ilusão*, e esse é um dos grandes paradoxos da vida humana e reconhecido pela teoria de Winnicott, pois o que o bebê cria (o objeto) já existe e já está na realidade externa para ser criado (na ilusão do bebê). Então, a partir da fase de dependência absoluta (ou narcisismo primário), o sujeito parte (e deve partir mesmo) de uma ilusão de onipotência (de ser uno com a mãe, ou ser o falo da mãe, na perspectiva lacaniana) para aos poucos dar conta que faz parte de um mundo compartilhado (com leis e normas) que já existe antes de si.

Mais um ponto de encontro entre os autores é a importância apresentada por Winnicott acerca da atuação do pai na fase de dependência relativa como um vetor que retira a mãe da díade estabelecida com o bebê, e colocando em xeque definitivamente a ilusão desse último de onipotência vivida na fase anterior. Essa função paterna assinalada por Winnicott em muito se assemelha à atuação do pai em Lacan, no momento em que o pai atua como o privador da mãe, gerando uma frustração real na criança, justamente por estar investido de grande sentimento de potência junto à figura da mãe.

Por fim, outro ponto de similaridade entre os dois autores está no momento em que Winnicott destaca a função do pai de “dizer não”, que o autor localiza no estágio do complexo de Édipo, que também pode remeter à ideia da atuação do pai no segundo tempo do Édipo de Lacan, em que ele (pai) surge no plano imaginário como enunciação da lei. Assim, tanto para Winnicott quanto para Lacan o pai e/ou sua função operam como sinalizadores da realidade externa e introduzem o senso de moralidade pessoal da criança, ou seja, contribuem para a sua entrada no mundo simbólico.

Embora existam diferenças importantes entre os três autores da Psicanálise, abordados nesse trabalho, como pôde ser visto ao longo dessa discussão, encontram-se semelhanças e analogias que os aproximam, sinalizando canais de interlocução que podem favorecer uma maior compreensão de como se dá o processo de constituição do Eu. Em se tratando especificamente das contribuições de Winnicott, foi possível verificar em sua obra a importância do pai desde o início do processo de amadurecimento do sujeito, contrapondo, assim, as leituras equivocadas que afirmam que o psicanalista inglês negligenciou a importância da figura paterna na constituição do mundo subjetivo e interno da criança. Ao contrário disso, entende-se que Winnicott concebe a figura e a função paterna a partir de inúmeras funções consideradas vitais para o processo de desenvolvimento e de integração da criança, que vão muito além da interdição do desejo incestuoso na fase do Complexo de Édipo.

## REFERÊNCIAS

ARAGAO E RAMIREZ, Heloísa Helena. Sobre a metáfora paterna e a forclusão do nome-do-pai: uma introdução. *Mental*, Barbacena , v. 2, n. 3, p. 89-105, nov. 2004. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272004000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 abr. 2018.

BATTAGLIESE, Gustavo L. Apontamentos sobre a função paterna na teoria de Donald W. Winnicott. Trabalho de conclusão de curso. São Paulo: PUC-SP, 2011.

DIAS, Elsa Oliveira. A trajetória intelectual de Winnicott. *Nat. hum.*, São Paulo , v.4, n. 1, p. 111-156, jun. 2002 .

D'AGORD, Marta R. L. Da Metáfora à metáfora paterna. Porto Alegre: UFRGS, p. 1-6, 2003. Disponível em < <https://www.ufrgs.br/psicopatologia/metaforapaterna.pdf>>. acesso em 16 abr. 2018.

DIAS, Elsa Oliveira. Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento. *Nat. hum.* São Paulo, v.2, n. 1, p. 9-48, jun. 2000.

DIAS, Elsa Oliveira. A trajetória intelectual de Winnicott. *Nat. hum.*, São Paulo , v. 4, n. 1, p. 111-156, jun. 2002.

DIAS, Elsa Oliveira. A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio da Janeiro: Imago, 2003.

DOR, Joël. Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. 3ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

EMMERICH, Amanda Carneiro. O comportamento da automutilação na adolescência: sob a luz da Psicanálise de orientação winnicottiana. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia- Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda, 2017.

FARIA, Cláudia Mezzarano. Um estudo sobre as referências de Winnicott aos fenômenos psicossomáticos. 2012.

FERREIRA, M. C., & AIELLO-VAISBERG, T. M. J. O pai suficientemente bom: algumas considerações sobre o cuidado na psicanálise winnicottiana. *Mudanças - Psicologia da Saúde*, 14(2), 136-142, 2006.

FREUD, S. (1896) Carta 52. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996 p. 281-288.

FREUD, S. (1897) Carta 69. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 309-311.

FREUD, S. (1916) O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1913). Totem e tabu. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1939) Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e Outros Trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROTA, Ana Maria. A reinstalação do si-mesmo: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 58, n. 2, p. 51-66, dez. 2006.

FULGENCIO, Claudia Dias R. A Presença do Pai no Processo de Amadurecimento – Um Estudo sobre D. W. Winnicott. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: PUC-SP, 2007.

GALVAN, Gabriela Bruno; MORAES, Maria Lúcia Toledo. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. *Aletheia*, Canoas , n. 30, p. 50-58, dez. 2009 .

GAVIRIA, Miguel Angel. Dr. Sigmund Freud, Ensaio. Moisés e a Religião Monoteísta, 1939. Revista Estética e Semiótica. Brasília, v.4, n.2, p.139-157, Jul/Dez 2014.

KLAUTAU, Perla; SALEM, Pedro. Dependência e construção da confiança: A clínica psicanalítica nos limites da interpretação. Nat. hum., São Paulo, v. 11, n. 2, p. 33-54, fev. 2009.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do Eu. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

LACAN, Jacques. (1957-1958) O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

LEON, Sebastián. El lugar del padre en psicoanálisis: Freud, Lacan, Winnicott / Sebastián León. Santiago, RIL editores, 2013.

MARCOS, Cristina Moreira. O Édipo freudiano: o pai e a ficção. Trivium, v.1, p. 444-455, 2010.

MENEZES, José Euclimar Xavier de. O lugar do pai na teoria freudiana. Cogito, Salvador, v. 3, p. 15-22, 2001.

NASIO, J. D, et al. Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan. – Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

PASTORE, Jassanan Amoroso Dias. Psicanálise e linguagem mítica. Cienc. Cult., São Paulo, v. 64, n. 1, p. 20-23, Jan. 2012.

PHILLIPS, Adam. Winnicott. São Paulo: Ed. Ideias & Letras, 2007.

PUC-RIO. A relação mãe bebê: uma visão winnicottiana. Disponível em: [www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4350/4350\\_5.PDF](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4350/4350_5.PDF). Acesso em: 20 abr. 2018

SCAGLIA, Andressa Pin. Experiência paterna em diferentes configurações familiares e o desenvolvimento do self infantil. Dissertação (Mestrado em Psicologia). São Paulo: USP, 2012.

STRAUCH, Flavia Costa. Do pai no texto freudiano ao pai da contemporaneidade: um estudo teórico. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2013.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. A psicanálise e o complexo de Édipo: (novas) observações a partir de Hamlet. *Psicol. USP, São Paulo*, v. 17, n. 2, p. 135-155, 2006.

WINNICOTT, D. W. (1962) O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre, Artmed, 1983.

\_\_\_\_\_ (1957) *A Criança e o seu Mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

\_\_\_\_\_ (1969) O Uso de um Objeto no Contexto de Moisés e o Monoteísmo Explorações Psicanalíticas: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artmed, 2007.

\_\_\_\_\_ (1988) *Natureza Humana*. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.